



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**MONIQUE VIANA DE OLIVEIRA ANGELO**

**A LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO : Focalizando a leitura e  
suas estratégias como ferramenta da aprendizagem**

**GUARABIRA – PB  
2014**

**MONIQUE VIANA DE OLIVEIRA ANGELO**

**A LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO : Focalizando a leitura e suas  
estratégias como ferramenta da aprendizagem**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>.VagdaG. Gonçalves Rocha

GUARABIRA – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A584I Angelo, Monique Viana de Oliveira  
A língua inglesa no ensino médio [manuscrito] : focalizando a  
leitura e suas estratégias como ferramenta da aprendizagem /  
Monique Viana de Oliveira Angelo. - 2014.  
56 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Profa. Dr<sup>a</sup>. Vagda G. Gonçalves Rocha,  
Departamento de Letras e Educação".

1.Língua Inglesa. 2. Leitura. 3. Estratégias de leitura I.  
Título.

21. ed. CDD 372.652 1

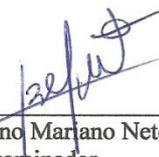
MONIQUE VIANA DE OLIVEIRA ANGELO

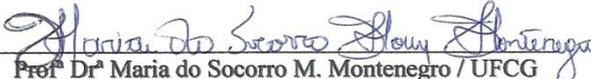
**A LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO : Focalizando a leitura e suas  
estratégias como ferramenta da aprendizagem**

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização Fundamentos da  
Educação: Práticas Pedagógicas  
Interdisciplinares da Universidade  
Estadual da Paraíba, em convênio com  
Escola de Serviço Público do Estado da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/07/2014.

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª. Vagda G. Gonçalves Rocha / UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto/ UEPB  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª Maria do Socorro M. Montenegro / UFCG  
Examinadora

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus alunos, que foram e são os norteadores e maiores motivadores deste trabalho, no qual busco formas de aprender, entender e aperfeiçoar a minha prática docente através da disciplina de Língua Inglesa, dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por me capacitar e pela força que me dá todos os dias, ajudando a superar todas as dificuldades.

À minha família (mãe e filhos) que em todo momento se fizeram presentes, me apoiando, entendendo a minha ausência e, assim, contribuindo para a minha formação acadêmica.

À professora Vagda Rocha, que mesmo diante de suas limitações devido à gravidez, aceitou me orientar com muita dedicação e carinho, os quais contribuíram plenamente para a finalização deste trabalho.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, àqueles que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas da turma e aos amigos de um modo geral pelo companheirismo e momentos de alegria, pelos momentos de amizade e apoio.

## RESUMO

Aprender e ensinar leitura na escola, mais precisamente em Língua Inglesa, tem sido preocupação de muitos pesquisadores, pois os alunos não se sentem motivados e acham o aprendizado de LI desnecessário, além de os professores não contemplarem o ensino de leitura e compreensão de texto, focando a utilização de estratégias leitoras que facilitam a aprendizagem. O que se evidencia também é que os alunos estão habituados com uma metodologia que colabora para que fiquem presos a práticas tradutoras que impedem a reflexão crítica e não ampliam a bagagem linguística e cultural dos aprendizes. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da leitura nas aulas de língua inglesa, priorizando o conhecimento prévio dos alunos e focalizando as estratégias leitoras como ferramenta da aprendizagem. Esta pesquisa é de natureza descritiva/ observacional de base qualitativa, à luz de Brown (2001), Coracini (2005), Kleiman (2007), Kato (1995), Piva (2011), Zilberman (1993) entre outros. Esta pesquisa tem abordagem qualitativa e teve como campo de estudo uma escola pública estadual da cidade de Itapororoca/PB. Os dados da pesquisa foram obtidos através de questionários respondidos por professores e alunos da referida escola. As informações obtidas foram analisadas e interpretadas à luz dos teóricos acima citados. Os dados levantados evidenciaram que existe, tanto por parte do aluno quanto por parte das professoras, consciência da importância da leitura em língua inglesa e de seus benefícios, embora algumas crenças ainda permaneçam, fazendo com que professores e alunos criem bloqueios em relação ao trabalho com essa habilidade. Percebeu-se que as professoras encontram-se ainda desvinculadas das teorias sobre o ensino de leitura em língua inglesa sugeridas pelos PCNs. Os resultados alcançados ao fim do trabalho revelam que as aulas de LI onde a leitura é o foco, podem ser produtivas se os professores sistematizarem seu trabalho em relação a essa habilidade e de forma que a leitura tenha um embasamento teórico consistente. Concluímos evidenciando que é possível desenvolver um ensino de LI que seja significativo e prazeroso tanto para os alunos como para os professores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Inglesa. Leitura. Estratégias de leitura

## **A B S T R A C T**

Learning and teaching reading in school, more precisely in the English language, has been preoccupation of many researchers because the students are not motivated and think learning LI unnecessary, and the teachers did not include the teaching of reading and reading comprehension, focusing the use of reading strategies that facilitate learning. What is also evident is that students are accustomed to a methodology that contributes so they are stuck with translators practices that hinder critical thinking and not extend the linguistic and cultural background of the learners. Thus, this study aims to analyze the role of reading in English language classes, prioritizing students' prior knowledge and focusing readers strategies as a tool for learning. This research is a descriptive / observational nature of qualitative basis, in light of Brown (2001), Coracini (2005), Kleiman (2007), Kato (1995), Piva (2011), Zilberman (1993) among others. This research has a qualitative approach and as a field of study had a public state school in Itapororoca / PB. The research data were collected through questionnaires answered by teachers and students of that school. The data obtained were analyzed and interpreted in the light of the aforementioned theorists. The data collected showed that there is, both by the student and by the teachers' awareness of the importance of reading in the English language and its benefits, although some beliefs still remain, making teachers and students create blockages in relation to work with this ability. It was noticed that the teachers are still disconnected from theories about teaching reading in English language suggested by PCNs. The results achieved by the end of the study reveal that the LI classes where reading is the focus, can be productive if teachers systematize their work in relation to this ability and so that reading has a consistent theoretical framework. We conclude showing that it is possible to develop a teaching LI that is meaningful and enjoyable for pupils and for teachers.

**KEYWORDS:** English. Reading. Reading strategies

## **LISTA DE SIGLAS**

**LE- Língua Estrangeira**

**LI- Língua Inglesa**

**PPP-Projeto Político Pedagógico**

**UEPB-Universidade Estadual da Paraíba**

**P1-Professora 1**

**P2-Professora 2**

**PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais**

**"Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes".**

**(Rubem Alves)**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I – LÍNGUA INGLESA E SOCIEDADE</b> .....	12
1.1 - A Língua Inglesa na sociedade Atual.....	
1.2 - O Inglês na Comunicação Global.....	
<b>CAPÍTULO II – A LÍNGUA INGLESA NO ESPAÇO ESCOLAR</b> .....	19
2.1 – Os PCNS-LE e o Ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio.....	
2.2 – A Leitura em Língua Inglesa: seu Processamento e suas Estratégias.....	
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS</b> .....	34
3.1 – Processo da Pesquisa.....	
3.2 - A Escola Wonderful.....	
3.3 - A Leitura em Língua Inglesa na voz de Professores e Alunos.....	
3.3.1 – O Ensino de Leitura em Língua Inglesa na voz de professores.....	
3.3.2 – O Ensino de Leitura em Língua Inglesa na voz dos alunos.....	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54

## I. INTRODUÇÃO

É frustrante constatar que a aprendizagem de língua inglesa é vista como desnecessária pelos alunos, os quais sentem-se desmotivados mesmo sabendo a importância desse aprendizado. A desmotivação somada à falta de interesse na leitura, até em sua língua materna, tem sido motivo de preocupação e tem levado os professores de línguas, a reavaliarem a prática e a metodologia usada nas aulas de língua inglesa.

A pertinência do tema: leitura em língua inglesa, proposto nesta pesquisa deve-se a inquietação de professores de línguas, diante de um dos maiores desafios no ensino de Língua Inglesa- LI, que é a descrença, tanto por parte dos professores como dos alunos, em relação à possibilidade de se aprender inglês na escola regular, como também, despertar o interesse dos alunos pela leitura, mostrando que é possível compreender um texto sem traduzi-lo por completo, ativando o conhecimento prévio e usando estratégias leitoras, assim como, trabalhar diferentes gêneros textuais, dinamizando o aprendizado da língua, sempre vista como algo distante da realidade.

Diante deste contexto, levantamos as seguintes hipóteses: É por meio da leitura que a educação de um indivíduo se concretiza. Lendo ele terá a possibilidade de expandir seus conhecimentos em todos os âmbitos do ensino, dentre tantos outros assuntos que hoje são tão importantes para um viver melhor. Portanto, não se deve associá-la apenas às aulas de português, pelo contrário, ela está diretamente ligada a todas as áreas da educação, e se faz necessária para que o avanço do indivíduo na aprendizagem aconteça.

Sob este prisma, objetivamos analisar o papel da leitura nas aulas de língua inglesa, priorizando o conhecimento prévio dos alunos e focalizando as estratégias leitoras como ferramenta da aprendizagem. discutindo a sua importância para uma aprendizagem significativa, prazerosa e participativa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998a, p.97), “A competência primordial do ensino de línguas estrangeiras modernas no ensino médio deve ser a da leitura e, por decorrência, a da interpretação”. É por meio dessa habilidade que se espera que os alunos possam fazer uso da língua estrangeira cotidianamente para expandir seus conhecimentos e adquirir informações em um mundo cada vez mais globalizado. Desta forma, os conhecimentos adquiridos nas aulas de

língua estrangeira se articulariam mais facilmente com os das demais áreas, favorecendo a interdisciplinaridade e capacitando o aluno para encarar os desafios da vida social.

Assim sendo, entende-se a necessidade de trabalhar a leitura em língua inglesa privilegiando as suas estratégias, como também, ativando o conhecimento prévio dos aprendizes e ampliando sua bagagem cultural através da temática e da variedade dos textos.

Vale ressaltar que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, fundamental ao aperfeiçoamento das demais habilidades, à construção de significados e à expansão do conhecimento. Assim, a leitura envolve um leitor ativo e crítico que examina o texto e, para compreendê-lo, tenta estabelecer relações significativas entre o que se sabe, o que já viveu, o que o texto traz e o contexto no qual a leitura se realiza.

Para a consecução dos objetivos propostos, analisamos as falas de duas professoras e de alunos do ensino médio de uma escola pública estadual do município de Itapororoca/PB. Tais falas foram obtidas a partir de questionários abertos para que conseguíssemos investigar se os temas referentes à leitura em língua inglesa estão presentes e como estão sendo aplicados na prática docente.

A pesquisa desenvolvida foi de natureza descritiva/ observacional de base qualitativa, à luz de Brown (2001), Coracini (2005), Celani(1997), Kleiman (2007), Kato (1995), Zilberman (1993), Moita ( 2005 ) entre outros.

Esse método de pesquisa foi escolhido, principalmente pela possibilidade que ele oferece na interpretação de significados. Primeiramente, promovemos um estudo teórico sobre a necessidade do inglês na sociedade e na comunicação, fazendo um paralelo com o que sugerem os PCNs e o que os teóricos dizem sobre a importância da leitura e as estratégias no processo de ensino-aprendizagem da língua. Fizemos uma reflexão acerca da metodologia aplicada em aulas de língua inglesa no ensino médio, utilizando como suporte uma pesquisa com questionários para coleta de dados. Aqui, registramos os fatos de forma que possamos analisá-los e interpretá-los, a partir do investimento em uma reflexão mais exigente sobre o objeto de estudo.

Por fim, através desta pesquisa, esperamos contribuir com a melhoria do ensino da língua inglesa, visto a necessidade de se contemplar uma metodologia voltada à prática leitora e compreensiva.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, abordamos o que configura a relação língua inglesa e sociedade, discorrendo sobre a necessidade da língua inglesa na sociedade atual, como também, sua importância na comunicação. No

segundo capítulo, abordamos a língua inglesa no espaço escolar, mostrando o que dizem os PCNs e relacionando-o com o ensino da língua inglesa no ensino médio. Nesse capítulo, apresentamos o que alguns teóricos dizem sobre a importância da leitura, como também, seu processamento e suas estratégias.

Por fim, apresentamos os dados da pesquisa e seus resultados, os quais sinalizam que os professores e alunos do ensino médio reconhecem a importância da leitura nas aulas de língua inglesa, embora os professores precisem sistematizar seu trabalho em relação a essa habilidade de forma que ela tenha um embasamento teórico consistente.

## **1- LÍNGUA INGLESA E SOCIEDADE**

### **1.1 A Língua Inglesa na Sociedade Atual**

É interessante observar, tomando por base nossa vivência em sala de aula com experiência em Língua Inglesa, que há um grande contrassenso quando pensamos em ensino de inglês no Brasil. Ao mesmo tempo em que a sociedade valoriza o saber inglês, o ensino desta língua na escola regular ainda é pouco valorizado e considerado menos importante na formação global de nossos alunos, ignorando-se o fato de que saber inglês proporciona mais e melhores oportunidades de estudo, trabalho e intercâmbio cultural.

No entanto, acreditamos que é possível mudar ou pelo menos melhorar essa realidade, se descentralizarmos o ensino e focarmos na aprendizagem, dando papel e voz ao aluno, transformando-o em protagonista do processo.

Diante desta realidade desmotivadora e como já foi dito, o que se evidencia também nas salas de aula de língua inglesa é que os alunos não gostam de ler nem em sua língua materna, assim como, estão habituados com uma metodologia que colabora para que fiquem presos a exercícios mecânicos, a práticas tradutoras que impedem a discussão e a reflexão crítica e a textos que não ampliam a bagagem linguística e cultural dos aprendizes.

Vale ressaltar que é por meio da leitura que a educação de um indivíduo se concretiza. Lendo ele terá a possibilidade de expandir seus conhecimentos em todos os

âmbitos do ensino, dentre tantos outros assuntos que hoje são tão importantes para um viver melhor. Portanto, não se deve associá-la apenas às aulas de português, pelo contrário, ela está diretamente ligada a todas as áreas da educação, e se faz necessária para que o avanço deste indivíduo na aprendizagem aconteça.

A leitura é indispensável e está presente em todas as disciplinas, porém, nas aulas de língua estrangeira, e aqui especialmente a língua inglesa, ler se torna uma ação mais árdua e menos frequente devido a diversos fatores como a baixa proficiência na língua em questão, o vocábulo diminuto e/ou, até mesmo o desinteresse dos alunos por acharem que aprender uma segunda língua não será útil somado ao despreparo de alguns professores em ensinar a leitura em suas aulas.

Com o fenômeno da globalização e da conseqüente necessidade de uma linguagem eficiente de comunicação, aprender um idioma se tornou uma necessidade básica para profissionais de diversas áreas e para aqueles que se preparam para ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. O estudo da língua inglesa, que hoje é considerada uma língua globalizada, significa crescimento, desenvolvimento e melhores condições de avanços e mudanças nesse novo e tecnológico mundo. Isso começou primeiramente com o grande poderio econômico da Inglaterra no Século XIX, alavancado pela Revolução Industrial, e logo em seguida a expansão do colonialismo britânico, o qual chegou a alcançar uma vasta abrangência geográfica, e dessa forma expandiu também a língua inglesa. Logo depois, surgiu o poderio político-militar dos Estados Unidos a partir da segunda guerra mundial e a grande influencia econômica e cultural, e solidificou a língua inglesa na posição de língua padrão das comunicações internacionais. (PCNs-LE BRASIL, 1998b)

A crescente expansão do mercado de trabalho levou muitos países e nações a adotarem a língua inglesa como o idioma oficial do mundo das tecnologias e dos negócios. Considerando a importância econômica do Brasil como país em pleno desenvolvimento econômico e social, dominar a língua inglesa se tornou um meio de sobrevivência e integração global, uma vez que o aprendizado dessa língua inglesa abre várias portas para o desenvolvimento pessoal, profissional e cultural.

A língua inglesa tornou-se uma das mais importantes ferramentas tanto acadêmica quanto profissional e aprender este idioma se tornou uma necessidade básica, não só para o mercado de trabalho como também para as escolas. "Em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas universidades." (BRASIL, 1998a, p.23)

É válido ressaltar que o mercado de trabalho considera hoje em dia um requisito necessário e básico no momento de contratar alguém, que o novo profissional tenha o pleno domínio da língua inglesa. Pode-se até afirmar que a língua inglesa tornou-se um elo entre vários países, etnias, raças e culturas. A língua não é um todo homogêneo, mas um conjunto heterogêneo, múltiplo e mutável de variedades com marcas, classes e posições sociais, de gêneros e etnias, de ideologias éticas e estéticas determinados. Nesse sentido, para aprender e ensinar a língua inglesa deve-se considerar a linguagem como constitutiva de nossa identidade sócio - cultural.

Diante deste cenário, surge a necessidade de um ensino-aprendizagem da língua inglesa nos currículos escolares, pois os alunos já convivem diariamente com este idioma, seja nos jogos de vídeo-game, produtos que consomem, nas músicas que ouvem, em propagandas e panfletos com algumas palavras escritas na língua inglesa, redes sociais, enfim, o inglês já faz parte do cotidiano dos alunos.

A educação está voltada para a formação de cidadãos capazes de participar na construção de uma sociedade melhor, um cidadão consciente de seus direitos e deveres, preparado para enfrentar o mercado de trabalho e o mundo globalizado, cheio de informações, tecnologias, inovações, internet, onde a toda hora a comunicação está mais rápida, e onde surge a extrema necessidade de se ter uma língua unificada, um idioma onde todos possam entender um ao outro.

O ensino de uma língua estrangeira cria nos alunos expectativas e incertezas com relação ao estudo, ao seu uso, e isso faz com que os professores busquem a melhor maneira de desenvolver o seu trabalho em relação ao ensino-aprendizagem da língua estrangeira.

Como bem diz Moita, (2005 p. 31):

Se a educação quer fazer pensar ou talvez pensar para transformar o mundo de modo a se poder agir politicamente, é crucial que todo professor - e, na verdade todo cidadão - entenda o mundo em que vive e, portanto, os processos sociais, políticos, econômicos, tecnológicos e culturais que estamos vivenciando. Não se pode transformar o que não se entende. Sem a compreensão do que se vive, não há vida política.

Enfim, sabemos que a língua inglesa contribui para o processo de formação integral de qualquer indivíduo e representa muito mais do que uma mera aquisição de formas e estruturas linguísticas em um código diferente, pois ao mesmo tempo em que aumenta a compreensão da linguagem e de seu funcionamento, também desenvolve uma

maior consciência da própria língua materna. Por meio da língua estrangeira, ampliam-se as possibilidades de o indivíduo agir discursivamente no mundo e de compreender ~~outras~~ manifestações culturais próprias de outros povos.

Sendo assim, os PCN's (1998a) dizem que deve haver o propósito de ensinar a língua inglesa de forma a preparar o indivíduo para a vida em sociedade, qualificando-o para o aprendizado permanente e para o exercício da cidadania, pois a aprendizagem de uma Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social.

Isto quer dizer que, através da língua inglesa, o educando deverá ser capaz de exprimir-se, comunicando-se com o outro para poder criar conceitos e pensamentos próprios, com o intuito de agir no mundo social. Isso vai muito além do pensamento focado em conteúdos, onde o educador "enche" o educando com estruturas gramaticais e coisas afins, mas não consegue mostrar ao estudante a essência do que se espera dele ao apreender esse conhecimento, que seria o de poder atuar como sujeito crítico e autônomo na sociedade.

Também é conveniente salientar que a aprendizagem de uma Língua Estrangeira possibilita ao discente o desenvolvimento da comunicação e funcionalidade da sua própria linguagem. Com isso esse indivíduo toma consciência da importância da sua língua materna e assim valoriza e expande sua cultura, conseqüentemente compreendendo paradigmas que envolvem os elementos formadores da sociedade na qual está engajado.

[...] ao ensinar uma língua estrangeira é essencial uma compreensão teórica do que é a linguagem, tanto do ponto de vista dos conhecimentos necessários para usá-la quanto em relação ao uso que fazem desses conhecimentos para construir significados no mundo social (BRASIL, 1998a, p. 27)

Dessa forma, a aprendizagem de uma Língua Estrangeira é também uma maneira de estabelecer interação entre o mundo social e os conteúdos que fazem parte do currículo escolar brasileiro.

É interessante notar que estudar uma língua, seja ela o inglês ou outra, induz o aluno à curiosidade, transformando esse desejo num elo para aprender outros conteúdos,

que estão interligados à disciplinas como, por exemplo, a português, história, geografia ou até mesmo a matemática.

O ensino de uma Língua Estrangeira (LE) ultrapassa as barreiras da sala de aula. Nota-se que a língua inglesa não é mais aprendida como língua moderna estrangeira, levando em consideração os fatores de poder hegemônicos dos falantes nativos, mas sim como a nova língua das ciências, das tecnologias e da globalização; logo, como a nova língua global.

Percebemos, então, que a globalização adjacente às novas tecnologias trouxe mudanças nos setores políticos, econômicos, culturais e linguísticos, transformando o modo de pensar, de calcular, bem como de se comunicar socialmente. E, por essa razão, compreendemos que o aprendizado da língua inglesa nos países considerados emergentes tornou-se sinônimo de modernidade e status para aqueles que detêm o domínio desta língua.

## **1.2 O Inglês na Comunicação Global**

A linguagem é a representação do pensamento por meio de sinais que permitem a comunicação e a interação entre as pessoas. Além de transmitir nossas ideias, ela transmite também um conjunto de informações sobre nós mesmos. Certas palavras e construções que empregamos, acabam “denunciando” quem somos socialmente, como por exemplo, em que região do país nascemos, qual o nosso nível social e escolar, nossa formação e às vezes até nossos valores.

A língua é um poderoso instrumento de ação social. Ela pode tanto facilitar como dificultar o nosso relacionamento com as pessoas e com a sociedade em geral.

Com o mundo cada vez mais globalizado, as fronteiras têm sido cada vez menores, portanto há a necessidade de se conhecer outras línguas e outras culturas, para poder-se interagir com outros povos que já não estão tão distantes. O domínio da língua inglesa, em particular, é de grande importância, pois o inglês se tornou hoje uma língua global, como resultado de dois fatores principais: a extensão do poder colonial britânico, como citado anteriormente e que teve seu ápice no final do Século XIX, e a hegemonia dos Estados Unidos como poder econômico no Século XX.

Para ser reconhecido como língua global, um idioma deve adquirir um papel especial reconhecido no mundo todo. Esse papel é evidente nos países em que o inglês é falado como primeira língua: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e vários países caribenhos. Mas é preciso que outras nações ao redor do mundo deem a uma língua papel e funções especiais para que ela se torne língua global, seja proclamando o idioma uma das línguas oficiais do país, seja dando-lhe primazia no ensino local de línguas estrangeiras. No caso do inglês, o idioma tem estatuto de língua oficial em mais de setenta países, a maior parte dos quais tem em comum o fato de serem ex-colônias da Inglaterra. Nesses locais, a língua inglesa é usada como meio de comunicação em um ou mais setores: na administração governamental, na educação, no sistema judiciário ou nos meios de comunicação de massa.

A aquisição da língua inglesa traz benefícios internos e externos para os que estão em contato direto com a mesma, pois a aprendizagem desse idioma desenvolve a rapidez no raciocínio, a construção da personalidade, o conhecimento e o respeito por outras etnias, raças e culturas. Os fatores externos incluem uma maior facilidade de conversação com pessoas de vários outros países e idades, acesso à literatura e conteúdos internacionais, melhor colocação e emprego no mercado de trabalho, em grandes empresas brasileiras e multinacionais, ou seja, no mundo atual é imprescindível o domínio da uma língua estrangeira, principalmente, o inglês, uma língua mundialmente conhecida e que está em vários setores da sociedade, no mundo da publicidade, na interação e comunicação através das músicas, propagandas, livros, cinema, internet, produtos nacionais e internacionais.

A cada minuto que passa fica mais visível a importância da língua inglesa em nossa vida. Isto significa que saber Inglês é ter possibilidade de interagir no meio informatizado e globalizado, no qual sempre estamos nos deparando com expressões americanizadas.

É só observar ao redor, para se deparar com a língua em muitas situações. Em casa quando se liga ou desliga a televisão, o *DVD*, o *home theater*, o computador, o ventilador, o micro-ondas, o liquidificador, está a palavra *power*, ou então, quando se veste uma roupa que ficou ótima, se diz *fashion*, ou quando arruma-se o cabelo, se diz arrumar o *look*, ou quando as pessoas estão cansadas, dizem que estão com *stress*, ou então quando se faz alguma coisa no computador, se diz que vai navegar na *internet*, se vai jogar um vídeo *game*, ou jogar um *playstation*, ou quando se vai ao *shopping*, para tomar um *drink*, e tem muitas outras palavras em inglês usadas no dia a dia e nem

percebemos o quanto esta língua ou este idioma está presente em nossas vidas e o quanto ela é importante no mundo globalizado.

Pela aquisição do adequado conhecimento linguístico, o indivíduo pode apropriar-se de saberes, transmitir sua cultura e estabelecer vínculos com outras, ampliando seus horizontes. O estudo da língua estrangeira permite a reflexão sobre o idioma e a cultura como bens de cidadania, além de contribuir para a eliminação de estereótipos e preconceitos.(BRASIL,1998b,p.101)

Toda essa pluralidade, relacionada à influência da Língua Estrangeira, está impulsionando a formação de profissionais na área de Linguagens e Códigos, e assim levando ao meio escolar ferramentas motivadoras para a aprendizagem e fortalecimento do ensino de idiomas.

Cabe os docentes e grupos gestores agregarem ferramentas que aumentem o patamar de oportunidades dos educandos ao mercado de trabalho, quebrando, assim, o conceito de aprendizagem da Língua Estrangeira, que antes era vista como algo insignificante, em que sua principal função era apenas abranger conteúdos gramaticais, não levando em consideração a preparação do aluno junto ao mercado de trabalho ou a formação de um indivíduo consciente de sua função como cidadão.

O ensino de Língua Inglesa desempenha um fator de que sua aprendizagem é “(...) uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo.” (BRASI, 1998a, p.38).

De acordo com Moita (2005), o inglês é utilizado como o idioma que rege o discurso da globalização. Segundo o mesmo, o inglês é o latim dos nossos tempos e a língua pela qual podemos compreender e participar criticamente do mundo contemporâneo. O ensino de língua inglesa propicia ao educando a oportunidade de interação no mundo social, o faz entrar em contato com outras civilizações e culturas, competência enfatizada como fundamental no ensino. No próximo capítulo discutiremos sobre a língua inglesa no espaço escolar

## **2 – A LÍNGUA INGLESA NO ESPAÇO ESCOLAR**

## 2.1 Os PCN's-LE e a Língua Inglesa no Ensino Médio

O inglês é a língua estrangeira mais ensinada no Brasil como disciplina que integra o currículo escolar tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio de escolas públicas e particulares. A LDB (9394/1996) prevê o ensino de uma língua estrangeira em caráter de obrigatoriedade na seção IV que dispõe sobre o Ensino Médio, no artigo 36, inciso III: “Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar”.

Tendo em vista a importância da Língua Inglesa no cenário mundial e na realidade na qual nos encontramos, a função do inglês no Ensino Médio será aprimorar e fortalecer os conhecimentos da Língua Inglesa adquiridos durante todo Ensino Fundamental.

De acordo com a LDB nº 9394/1996 (1998, p. 18):

O Ensino Médio Consolidará e aprofundará todo conhecimento obtido no ensino fundamental, visando a preparação básica para o trabalho e cidadania, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.

Os PCN's (1998a, p. 25), elaborados alguns anos depois da LDB, tentam justificar o porquê da dominância da língua inglesa no ensino fundamental e médio – eles reconhecem que “a língua estrangeira predominante no currículo” é o inglês e que a falta de opções de outras línguas “reduziu muito o interesse pela aprendizagem de outras línguas e a consequente formação de professores de outros idiomas”. Não pode ser ignorado que, no Brasil, é de domínio público a grande importância que o inglês tem na vida profissional das pessoas. Tornando-se imprescindível incorporar as necessidades da realidade ao currículo escolar de forma que os alunos tenham acesso a conhecimentos que, de forma mais ou menos imediata, serão exigidos pelo mercado de trabalho. Observa-se nestas afirmações o reconhecimento do próprio Estado da importância da língua inglesa no mercado de trabalho como justificativa para sua hegemonia no ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas no ensino fundamental e médio.

Vale ressaltar que, Os PCNs não estabelecem nenhuma metodologia específica para o ensino de línguas, porém, sugerem que de acordo com as necessidades dos estudantes brasileiros, a metodologia voltada para leitura e interpretação de textos é a ideal a ser trabalhada na sala de aula.

Considera-se que a leitura deve ser uma atividade para cumprir variados propósitos, como o de construir significados de forma crítica e autônoma. Porém, percebemos de modo geral, que nas escolas públicas existe certa passividade por parte dos professores e um pouco de resistência dos alunos com relação ao ensino de leitura, também na área de língua estrangeira.

Os PCN's (1998b, p. 32), abordam também todos os aspectos relevantes no ensino da Língua Estrangeira (LE). Neles são citadas diversas contribuições de uma educação voltada aos interesses dos alunos, como: expansão das habilidades comunicativas e ampliação cultural, compreensão das diferentes formas de comunicação e da variabilidade dialetal, adequação linguística de acordo com o ambiente em que está inserido.

Nesse sentido, vale lembrar que muito mais do que uma simples aula de regras gramaticais as aulas de LE podem ser extremamente ricas, à medida que abrem espaço para que o estudante possa construir/reconstruir seu capital cultural e linguística.

Os PCN's (BRASIL, 1998b, p. 91) ressaltam ainda que:

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais.

Um indivíduo entra em contato com outra formação social através da língua, e, para que possa compreender de forma global e total a mesma, a leitura se torna muito importante.

O que fica evidenciado é que o objetivo maior do ensino de língua inglesa é viabilizar a existência do ser no mundo através de uma linguagem nova, aumentando o grau de comunicação desse indivíduo com outras culturas, pois é muito mais fácil comunicar-se como o outro sabendo o que cada mínimo gesto ou ação pode significar para ele. Se a linguagem tem um cunho social, sendo ela moldada pelo indivíduo através da sociedade, é de vital importância que a língua inglesa seja trabalhada no

convívio social, pois só assim o educando vai entender de que maneira a comunidade detentora da mesma realiza seus fenômenos internos.

Embora seja reconhecida a importância da língua inglesa no convívio social e no espaço escolar, quando analisamos o ensino de línguas nas escolas, sejam elas pertencentes à rede oficial ou não, podemos nos deparar com grandes equívocos metodológicos que resultam em práticas ineficazes. Grande parte dos alunos não se interessa talvez porque não vê uma aplicabilidade naquilo que é obrigada a decorar, como listas de verbos, vocabulário totalmente descontextualizado e diálogos desprovidos de significado. Pensamos ser mais significativo criar atitudes, diante do texto em LEI, que possibilitem a reflexão e despertem o senso crítico, do que treinar o aluno para responder questões de lacunas e testes.

Segundo Paiva (2005), os alunos desconhecem a necessidade do aprendizado de um idioma estrangeiro para a vida deles e, conseqüentemente, o desconhecimento da razão para estudar essa disciplina na escola. Ainda de acordo com essa autora,

Quanto às memórias recentes, há um lamento de que os alunos de escola pública não sabem a importância do inglês na vida deles e menção aos sentimentos negativos que a disciplina e, por conseqüência, o professor despertam nos aprendizes. (PAIVA, 2005, p. 9).

A meta principal para o ensino de línguas estrangeiras no nível médio, de acordo com os PCN's (1998b, P. 91) é a comunicação oral e escrita. De acordo com esse documento, o ensino de línguas estrangeiras

É uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica ou pessoal. A ênfase dada a esse tripé – o profissional, o acadêmico e o pessoal –, deve-se ao contexto de um mundo globalizado, onde o conhecimento eficaz de línguas, seja a materna, a nacional ou as estrangeiras, funciona como um meio de realização do indivíduo.

Assim, as competências esperadas do aprendiz não podem privilegiar apenas uma habilidade. Espera-se hoje, que o indivíduo seja capaz de falar, ler, escrever e entender uma língua estrangeira sem muitas dificuldades, considerando-se que o mundo midiático exige dele muito mais do que era exigido nos séculos passados. Os PCN's (1998a) corroboram essa visão quando afirmam que as línguas estrangeiras modernas, consideradas, muitas vezes e de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante, adquirem, na LDB (9394/96), a configuração de disciplina tão

importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. Ainda segundo os PCNs, para os jovens e adultos exercerem a cidadania, é necessário que se comuniquem, compreendam, saibam buscar informações e sejam capazes de interpretá-las e de argumentar a partir delas, o que implica o desenvolvimento de todas as habilidades linguísticas. A aprendizagem da língua estrangeira é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e de valorização pessoal.

Outro ponto importante abordado nesse documento é o fato da LE servir como colaboradora na função inclusiva e de desenvolvimento da cidadania na escola. A compreensão do que é ser cidadão abrange diversos aspectos, entre eles a posição que o aluno ocupa dentro da sociedade em que vive, quais os motivos que o levaram a estar ali, como ele se sente diante desta situação, etc. A LE, portanto, segundo os PCNs (BRASIL, 1998b, p. 97):

[...] propõe trabalhar no âmbito da formação de indivíduos, de cidadãos – se focalizar um aspecto já mencionado anteriormente : o de trabalhar em prol de uma “alfabetização” dos alunos (indivíduos, cidadãos) condizente com as necessidades da sociedade em que vivem, de uma sociedade que tem as suas próprias características, porque é interpelada por uma história e uma cultura em constante construção e reconstrução.

Face ao exposto, podemos inferir que o ensino-aprendizagem de língua inglesa nas escolas privadas e públicas deve estabelecer uma pedagogia mais realista, com objetivos claros e possíveis de serem atingidos por todos os professores que trabalhem nesta disciplina, de acordo com Celani(1997) devem ser atrelados à função social da língua estrangeira em relação aos alunos em questão, ou seja, ao papel dessa língua estrangeira na construção da cidadania como parte integrante da formação global do indivíduo. As diversas formas do ensino-aprendizagem da língua inglesa utilizadas nas escolas públicas vêm provocando discussões de vários pesquisadores da área da educação, preocupados em analisar realmente se há eficácia no ensino-aprendizagemdo inglês como língua estrangeira, no que se refere à leitura e à escrita. Esta preocupação por parte dos pesquisadores, propõe reflexões aos professores de língua estrangeira no sentido de identificar e avaliar a sua prática do ensino-aprendizagem dentro da sala de aula, no qual deve direcionar o ensino da língua inglesa por seu caráter de universalidade, daí a necessidade de se repensar as atuais práticas de ensino, visando a

uma nova proposta que possa desenvolver a competência comunicativa, tanto na modalidade oral, quanto na escrita. Portanto, acreditamos que a escrita e a leitura em língua estrangeira devem fazer parte de um processo dinâmico, com textos de diversos gêneros, em que o leitor compreenda, critica e interaja ativamente, como base nos três tipos de conhecimento: de mundo, textual e léxico-sistêmico, fundamentais para o desenvolvimento das quatro habilidades necessárias (ler, escrever, ouvir e falar) em uma aprendizagem significativa.

Destacamos cinco atividades de aprendizagem que compõe o ensino-aprendizagem da língua inglesa – compreensão escrita, produção escrita, compreensão oral, produção oral e conhecimento léxico-sistêmico, que devem garantir aos alunos oportunidades de utilização da língua estrangeira para atingir propósitos reais de comunicação, sendo que a sala de aula deve se transformar num espaço de prática social para interações significativas, para que haja um melhor ensino-aprendizagem articulado entre o ensino do inglês e o de outros conteúdos disciplinares. É essencial a noção de aprendizagem como um processo dinâmico em que o aluno participe ativamente, questionando, fazendo uso de seu conhecimento anterior, desenvolvendo estratégias de aprendizagem e assumindo um maior controle e uma posição crítica em relação ao que está sendo aprendido. Assim, evidencia-se seu protagonismo em todas as ações relativas ao aprendizado do inglês.

A aprendizagem de língua inglesa contribui para o processo de formação integral dos indivíduos dentro da sociedade atual e representa muito mais do que uma simples aquisição de formas e estruturas linguísticas em um código diferente. Ao mesmo tempo em que aumenta a compreensão da linguagem e de seu funcionamento, também desenvolve uma maior consciência da própria língua portuguesa. Por meio da língua inglesa, ampliam-se as possibilidades de o indivíduo agir discursivamente no mundo e de compreender outras manifestações culturais e sociais próprias de outros povos.

## **2.2. A Leitura em Língua Inglesa: seu processamento e suas estratégias**

No Brasil, segundo Kato (1990), os estudos sobre a linguagem e seu aprendizado na escola têm enfatizado mais a escritura do que a leitura. O interesse pela leitura surgiu da constatação de que as dificuldades demonstradas pelos alunos, no aprendizado de língua estrangeira, deviam-se mais à inabilidade de interagir com o texto escrito em sua língua materna do que ao desconhecimento do novo idioma.

A partir daí, professores e pesquisadores passam a ter um objetivo comum: compreender melhor os processos subjacentes à leitura e ao bom leitor.

De acordo com Paulo Freire (2002), a leitura é considerada o ponto de partida para uma ou qualquer metodologia que leve o leitor a conviver e a sentir-se responsável pela criação ou montagem da expressão escrita, bem como da expressão oral. É preciso levar em consideração a sua importância, pois como afirma Silva (1992): "a leitura impulsiona a descoberta, a elaboração e a difusão do conhecimento". Esse mesmo autor acrescenta que a leitura propicia ao indivíduo acesso às mais diversas fontes de informações e conhecimentos, constituindo-se em um elemento basilar de sua educação.

No tocante ao ensino de língua estrangeira, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN-LE, 1998b) dão ênfase ao ensino da leitura, pois, segundo o referido documento, esta habilidade é a de maior relevância no contexto social imediato dos alunos e a que mais atende suas necessidades de educação formal. Os PCN-LE (1998b) apontam ainda o fato de uma língua estrangeira, e conseqüentemente a leitura nessa língua, contribuir para o letramento do aluno e fazer com que este aumente sua auto percepção como ser humano e cidadão:

ao entender o outro e sua alteridade pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele (o aluno) aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social. (BRASIL: 1998b, p.19).

Quando se fala em leitura não se deve associá-la apenas às aulas de português, pelo contrário, ela está diretamente ligada a todas as áreas da educação e se faz necessária para que o avanço do sujeito na aprendizagem aconteça, é o que afirma Zilberman (1985, p. 7)

a leitura, se é estimulada e exercitada com maior atenção pelos professores de língua e literatura, intervém em todos os setores intelectuais que dependem, para sua difusão, do livro, repercutindo especialmente na manifestação escrita e oral do estudante, isto é, na organização formal e de seu raciocínio e expressão.

Apontamos que o professor pode atuar como mediador para uma leitura proveitosa, uma vez que usando sua capacidade de ensinar, o aluno compreende o que lhe é oferecido, tornando-o capaz de desenvolver seu pensamento, tanto na escrita

quanto na oralidade. Ao se falar em leitura, não se deve restringir seu conceito apenas ao ato de ler palavras decodificando símbolos. Ler vai muito além disso. É possível ler imagens, sinais entre tantas outras leituras possíveis do mundo.

Kato (1995) diz que a constatação de pesquisadores, na área de leitura em língua estrangeira, é que muitas das dificuldades dos aprendizes devem-se não ao desconhecimento da língua estrangeira, mas principalmente à inabilidade destes de interagir com o texto escrito na própria língua materna. Isso, segundo a autora, leva os pesquisadores a ter como parte de seus objetivos o desenvolvimento de habilidades de leitura, independentemente da língua do texto.

Os PCNs-LE (1998b, p. 92), defendem que ler implica “situar o texto, identificando quem é o autor, o leitor virtual, quando e onde é publicado e com que propósito (a quais interesses serve), de modo a evidenciar a leitura como uma prática sociointeracional”. O processo de aprendizagem é mediado pela interação leitor-texto-contexto. Ainda de acordo com os PCNs-LE, a abordagem sociointeracionista apresenta uma concepção de que “aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional” (p. 57).

Oferecendo uma visão mais completa, Kleiman (2000) afirma que

O mero passar de olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seja possível explicitar. (KLEIMAN,2000, P.27)

Ainda para Kleiman (1989):

[...] A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente (p.25).

Esse conhecimento prévio será essencial no processamento do texto, pois ele possibilita ao leitor realizar inferências e com essa idealização de um leitor produtivo,

que interage, apontamos para o rompimento com a concepção escolar de leitura calcada nos métodos mecanicistas que trabalham a leitura como uma mera decodificação da palavra escrita. Concepção esta que não considera o contexto em que a palavra se insere e nem a busca do significado. O ideal seria que os professores trabalhassem os textos nesta perspectiva defendida por Kleiman (1989), pois o leitor proficiente questiona o texto e seu autor, constantemente, durante a leitura e, é esse questionamento que o leva a buscar todas as informações necessárias para a construção do sentido, inclusive as inferências.

Segundo Ferreira (2007, p. 91), “a leitura é um ato de compreensão e de recriação. Para que a leitura possa ser assim definida ela precisa passar do simples fato de decodificação de códigos”, ou seja, a leitura vai além de decifrar letras e formar palavras, pois a leitura como um ato de compreensão, se concretiza no momento que o leitor consegue entender a mensagem deixada pelo autor. Esse entendimento é facilitado pelo conhecimento prévio daquele que lê. Com isso produz a comunicação necessária para a troca de conhecimento. Disso conclui-se que a recriação citada acima é a formação ou reafirmação da opinião do leitor. Quando um indivíduo lê e compreende o que foi lido, tem muito que contribuir, pois além de adquirir novas informações, organiza o seu conhecimento com base na leitura realizada. Mas, se ele não entende o que leu, não poderá fazer contribuições, já que não saberá dizer nada, nem organizar o que já possui de conhecimento de mundo. Portanto, fica claro que o bom gerenciamento da experiência empírica fará com que o leitor faça boas contribuições nas suas leituras.

Ainda segundo os PCNs (1998a), a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, e de tudo o que sabe sobre a linguagem. Com isso, o leitor faz uma leitura participativa, pois ele estará interagindo com o texto através do seu entendimento sobre o mesmo. A leitura feita com objetivo específico faz do leitor um bom construtor, isto é, ele constrói o sentido do texto a partir de tudo que ele já sabe.

Conforme já foi dito e de acordo com os teóricos estudados, a interação leitor-texto é fundamental para que o significado do texto seja construído. Kleiman (1989, p.13) reforça que “se pode dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão”.

Diante do exposto, é importante ressaltar que a leitura está presente em nossas vidas de uma forma muito intensa associada à maioria de nossas atividades, ou seja, é

uma das habilidades linguísticas mais “pessoais”. Podemos ler algo por prazer ou em busca de informações, mas só o fazemos por motivação pessoal. Apesar da exigência da oferta de uma língua estrangeira no ensino fundamental e médio, sugerido pela LDB, a leitura muitas vezes só é vista com fins gramaticais, como pré-texto para o uso da gramática e, desse modo, o que se percebe é que os alunos saem do ensino fundamental para o ensino médio sem as noções básicas para a prática de leitura que envolva a compreensão e interpretação do texto lido.

A leitura deve ser usada para construir o conhecimento, promover a interação, pois quando lemos sempre temos um propósito. É através da leitura que podemos preparar o aluno para a vida.

Segundo Richards (2002, p. 273),

Uma boa leitura de textos também fornece bons modelos de escrita e proporciona oportunidades para introduzir novos temas, para estimular o debate e para o estudo da língua, por exemplo, o vocabulário, gramática e expressões idiomáticas.

Sendo assim, o desenvolvimento desta habilidade em língua inglesa oferece a possibilidade de buscar informações, organizar o pensamento, ampliar o vocabulário, viajar pelo mundo através da internet e aumentar conhecimentos através da exposição continuada a textos escritos que facilitem o processo de aquisição da linguagem.

Segundo os PCNs (1998a, p. 92) “é na fase de leitura que o aluno tem de projetar o seu conhecimento de mundo e a organização textual nos elementos sistêmicos do texto”, por isso é necessário que o professor motive o aluno a sempre utilizar esta ferramenta, e também orientá-lo a continuar aprimorando esta habilidade mesmo ao final do ensino médio. “A leitura é a única habilidade que atende às necessidades educacionais e que o aprendiz pode usar em seu próprio meio. É, assim, a única habilidade que o aprendiz pode continuar a usar autonomamente ao término de seu curso de LE”. (MARCOS, 1999, p. 131). Então, é de grande importância que os estudantes que estão fazendo o ensino médio em escola pública adquiram mais conhecimento através da aprendizagem da leitura em língua inglesa, pois estes precisam estar preparados para além de entrar no mercado de trabalho, ter condições de competir no mundo atual e globalizado, com aqueles que já têm acesso a uma língua estrangeira

devido à condição de vida social com melhores oportunidades. Para (TOTIS, 1991, p. 23)

No ensino médio, quando a clientela escolar tem como objetivo lançar-se no mercado de trabalho ou preparar-se para estudos mais avançados, saber ler em inglês ajuda a aprofundar conhecimentos anteriores e permite a aquisição de informações novas que, na maioria das vezes, como já mencionado, não são veiculadas em português.

Almeida Filho (1993) afirma de forma nítida que . “durante o ensino de uma língua estrangeira no campo escolar, boa parte dos professores não dá chances de seu alunado utilizar a língua de forma social”, ou seja, uma maneira de ensino que contextualize a realidade deles, recomenda-se o contrário, que os professores em suas aulas de LE, devem focalizar com frequência aquilo que venha a ter realmente sentido e que os façam desenvolver-se como cidadãos. Durante o ensino em sala de aula, o professor é uma peça fundamental para que os alunos tomem gosto pelo hábito da leitura de LE, pois é de responsabilidade dele os textos que serão utilizados em suas aulas, é preciso que os textos possam promover a leitura e também ajudar na construção do pensamento crítico dos alunos. O texto é, pois, o elemento-chave em torno do qual as diversas atividades de aprendizagem são organizadas. Os textos escolhidos, tanto para as práticas escritas quanto para as orais, devem ser de gêneros diferentes, retirados de suportes variados (jornais, revistas, internet, TV, rádio, vídeos), de modo a possibilitar que o aluno vivencie, no espaço escolar, experiências de interações sócio-comunicativas reais (tais como serão vivenciadas fora dos limites da sala de aula).

Pode-se afirmar que ler é antes de tudo, compreender, pois não basta apenas decodificar os signos, mas também se posicionar ante o texto lido deixando muitas vezes o texto transformar o leitor e o leitor por sua vez transformar o texto através da sua compreensão. O texto quando lido com intenção de compreendê-lo tem o poder de transformar o indivíduo em um cidadão crítico e capaz de modificar e formar conceitos. Portanto, espera-se uma leitura participativa, ou seja, que haja uma interação entre o leitor e o autor, pois um pode contribuir com o outro nesse processo de construção de sentido.

Com base no nível de compreensão previamente estabelecido, o professor capitaliza, nas estratégias de leitura, o que o aluno tem como leitor em sua língua materna e nos itens lexicais e gramaticais semelhantes aos da língua materna e em outros itens sistêmicos diferentes, na dependência do nível de compreensão. É claro

que, para níveis de compreensão mais detalhada, a familiarização com elementos sistêmicos diferentes da língua materna será necessária. É importante também que o aluno aprenda a adivinhar o significado de palavras que não conhece por meio de pistas contextuais, da mesma forma que é essencial que aprenda a desconsiderar a necessidade de conhecer todos os itens lexicais para ler. Miller (*apud* CORACINI, 2002, p. 14) afirma que:

ao estudar os itens lexicais, considera que a interpretação semântica dos mesmos estaria acoplada à sua representação formal (significado transcendental, imanente no dizer de Derrida, 1967b). Ao leitor caberia, então, a tarefa de decodificar, isto é, de reconhecer os itens linguísticos lá conhecidos e des-cobrir (tirar as cobertas) o significado dos itens desconhecidos.

Partindo da premissa de que o objetivo basal das aulas de leitura em língua inglesa deve ser a interação leitor/texto e a compreensão, o professor deve, como mediador do conhecimento, oferecer ferramentas para isso, trabalhar com os diferentes gêneros e incentivar seus aprendizes a fazerem serventia de seus conhecimentos na língua para facilitar a realização da leitura, como também, ensinar a utilizar as estratégias de leitura como parte crucial do processo de aprendizagem da língua inglesa, como frisa Totis (1991). Esse mesmo autor diz que

o leitor em sua leituragem a oportunidade de descobrir diversos novos vocábulos e de internalizar todas as estruturas presentes no texto, sendo assim, o leitor fazendo uso das estratégias de leitura, mesmo não tendo conhecimento necessário para utilizar as palavras e estruturas, vai conseguir alcançar seu objetivo principal que é entender, compreender o sentido real do texto. Com isso, é de responsabilidade do docente sempre trabalhar com as estratégias de leitura em suas aulas de Língua Inglesa.

Sendo assim, esse aprendizado proporcionará não só um conhecimento maior da língua alvo, como também, o desenvolvimento do conhecimento de mundo do estudante. Segundo Grabe (2002), o ensino de estratégias de leitura é fundamental no processo de aprendizagem dos alunos, pois faz com que o alunado desenvolva principalmente sua compreensão e interpretação textual, oferecendo condições de, além de identificar as principais ideias de um texto, de organizá-lo e instigá-lo melhor.

Atualmente, para a maioria dos estudantes, aprender inglês não é um fim em si mesmo, pois se constitui em uma forma de adquirir conhecimentos acerca de diversos

assuntos. Sendo assim, desenvolver estratégias de leitura é de grande ajuda aos estudantes, pois é necessário que eles, em algum ponto da vida acadêmica, passem do patamar onde aprendem a ler para um nível onde leem para aprender. (GRABE, 2002). Segundo Grabe (2002), as estratégias de leitura apresentam papel fundamental na interpretação e compreensão de textos, pois fazem com que os estudantes aumentem o nível de consciência sobre as ideias principais em um texto e possibilitam a exploração e a organização do mesmo.

São importantes as estratégias de integração de uma informação a outra, o estabelecimento dos elos coesivos e a utilização de estratégias de inferência. É crucial que o aluno aprenda a distinguir entre informações centrais na estrutura semântica do texto e os detalhes. As técnicas de leitura em língua estrangeira têm a finalidade de nos ajudar na leitura de textos. Segundo Leffa (1991, p. 21), “os alunos tendem a ver a língua como um conjunto de palavras, aprender uma língua é aprender palavras, memorizar listas de palavras e usar o dicionário”, ou seja, os estudantes utilizando as estratégias de leitura vão compreender esta maneira diferente, que é mais fácil de entender e aprender a Língua Inglesa. De acordo com Grigolletto (1990, p. 41),

É tarefa do professor de LE estimular o aluno a superar o bloqueio (dificuldades com vocabulário e estruturas sintáticas do texto) mediante um trabalho de desenvolvimento da habilidade de leitura semelhante ao que deve ser feito em LM – desenvolvimento (e conscientização) de estratégias de leitura e análise crítica dos textos.

Segundo Isabel Solé, em uma entrevista para a Revista Nova Escola: "O ensino das estratégias de leitura ajuda o estudante a aplicar seu conhecimento prévio, a realizar inferências para interpretar o texto e a identificar e esclarecer o que não entende".

Assim, merece destaque a utilização das habilidades e estratégias de leitura que podem facilitar na aprendizagem do alunado. Para JANSEN, 2002, as Estratégias de leitura podem ser definidas como planos para resolver problemas encontrados na construção do significado do texto. Dentre tantas estratégias, as principais são **skimminge scanning**, no entanto, vale destacar outras que também são de grande relevância no processo de leitura e interpretação. São elas: **prediction, cognates, repeated words, typography, keywords**.

**OSkimming** Técnica de leitura rápida em busca da ideia geral do texto, permite, por exemplo, perceber se determinado texto nos interessa e se vale a pena ou

não continuar a lê-lo. Clarke e Silberstein (1997 *apud* TOTIS, 1991, p.35) definem *skimming* como "leitura rápida para a obtenção do sentido global do texto". O processo de *skimming* permite ao leitor identificar rapidamente a ideia principal ou o sentido geral do texto. O uso do *skimming* é frequente quando a pessoa tem muito material para ler em pouco tempo. Geralmente a leitura no *skimming* é realizada com a velocidade de três a quatro vezes maior que a leitura normal. Diferentemente do *scanning*, *skimming* é mais abrangente; exige conhecimento de organização de texto, a percepção de dicas de vocabulário, habilidade para inferir ideias e outras habilidades de leitura mais avançadas.

Já o **Scanning** é uma técnica de leitura rápida utilizada quando se lê em busca de informação específica no texto, como procurar uma palavra no dicionário, ver um artigo num catálogo, procurar um número de telefone na agenda etc. Clarke e Silberstein (1997 *apud* TOTIS, 1991, p. 35) definem *scanning* como "leitura na qual o leitor busca uma informação bastante específica (por exemplo, uma data, um nome, um número)". É uma habilidade que ajuda o leitor a obter informação de um texto sem ler cada palavra. *Scanning* envolve mover os olhos de cima para baixo na página, palavras chaves, frase específica ou ideias. O processo de *scanning* é muito útil para encontrar informações específicas. Sendo assim essa estratégia pode ajudar bastante o aprendiz de LI. O leitor que usa o *scanning* nas suas leituras, principalmente em sala de aula pode ter o entendimento de um texto com mais rapidez e eficácia, sendo que através dos pontos específicos que ele observar por meio dessa estratégia entenderá do que se trata o texto e ainda terá seus objetivos de leitura alcançados.

**Prediction**– é uma habilidade básica para a prática de todas as estratégias de leitura e para o processo de leitura de um modo geral. A leitura é uma atividade que envolve constantemente adivinhações e suposições, que são rejeitadas ou confirmadas à medida que se processa a leitura. Isso significa que uma pessoa não lê todas as palavras de um texto da mesma maneira, mas confia em um número de palavras ou “dicas” para obter ou inferir uma ideia do tipo de sentenças que, provavelmente, virá em seguida. O leitor pode usar o seu senso e experiência para ajudar a prever as ideias de um determinado texto. Para que possa inferir o significado de uma palavra desconhecida, ou o conteúdo de um texto, o leitor poderá fazer uso das seguintes “dicas”: seu próprio conhecimento sobre o assunto (*background knowledge*); contexto semântico (conjunto de palavras que forma o contexto imediato no qual a palavra desconhecida está inserida); contexto linguístico (grupo de pistas que nos dirá se a palavra é um

substantivo, um adjetivo ou um verbo); contexto não-linguístico (conjunto de gravuras, gráficos, tabelas, números, diagramas, etc. que ajuda a predizer o conteúdo de um texto); conhecimento sobre a estrutura do texto (título, subtítulo, parágrafos podem ajudar a predizer o conteúdo de um texto).

Como aborda Scott (1990), a inferência é uma estratégia em que o leitor faz o uso da dedução de vocábulos de acordo com as informações do contexto e também de seu conhecimento prévio. É importante essa estratégia, pois o estudante sabendo fazer uso da inferência, ficará mais seguro em sua leitura, facilitando assim a compreensão do texto. Vale dizer que o leitor no momento de leitura deve ficar atento a todos os sinais presentes no texto de língua inglesa, como exemplos: as palavras sublinhadas, letras em negrito e itálico, o título, o leitor também pode identificar as informações não-verbais como figuras, gráficos e a época em que foi escrito.

O nosso conhecimento prévio a respeito do assunto de que trata o texto desempenha um papel decisivo no processo da leitura, pois se o texto falar de coisas que não conhecemos, será inútil tentar construir um sentido em colaboração com o autor. “O que alguém sabe após uma leitura é o produto daquilo que esse alguém sabia antes mais o quão bem ele leu o texto”, diz Goodman (1991, p.34).

A quantidade de conhecimento comum entre o leitor e o escritor, observa o linguista, vai influenciar, significativamente, o modo como o texto é construído e o quanto será efetiva a compreensão do leitor. Esse conhecimento, adquirido através de experiências e vivências, vai sendo armazenado na memória em forma de esquemas. Esses esquemas, segundo Goodman (1991), devem ser evocados pelo leitor a fim de alcançar a compreensão pragmática do texto.

**Cognates:** são palavras que por possuírem a mesma raíz, ou a base latina podem ser semelhantes ou idênticas em português ou inglês e terem o mesmo significado. Muito comuns na língua inglesa, os cognatos são termos de procedência grega ou latina bastante parecidos com o Português, tanto na forma escrita como no significado. É interessante lembrar que os cognatos podem ser: Idênticos: particular, area, general. Bastanteparecidos: special, appreciation, celebrations, intended, contribution. Vagamenteparecidos: celebrated, community, annually, etc.

**RepeatedWords:** quando certas palavras se repetem várias vezes no texto, mesmo com formas diferentes. Exemplo: celebrated, celebrations. Normalmente são importantes para a compreensão. As palavras repetidas aparecem especialmente na forma de verbos, substantivos e adjetivos e nem sempre são cognatas.

**Typography:** as marcas tipográficas são elementos que, no texto, transmitem informações nem sempre apresentadas por palavras. Reconhecê-las é um auxílio bastante útil à leitura. Baseia-se em transmitir informações através de imagens, símbolos, etc. Ex: a gravura inserida no texto

**Key Words:** as palavras-chave são aquelas que estão mais perto associadas especificamente ao assunto do texto, podendo aparecer repetidas e algumas vezes na forma de sinônimos. A identificação das Key words através do Skimming, leva-nos a ter uma visão geral do texto. Ex: celebrations, honor.

Defendemos que ativar estas estratégias ajuda o leitor a compreender e interpretar com mais proficiência e facilidade o texto de língua inglesa. Sendo assim, recomenda-se que o professor saiba como trabalhar essas estratégias em suas aulas. Essas estratégias são norteadas pelos PCNs (BRASIL, 1998a), documento que divide o processo da leitura em três importantes fases: a primeira é a pré-leitura, onde o professor deve fazer com que o alunado ative seu conhecimento prévio e de mundo e ainda o pré-conhecimento quanto à organização textual, mostrando quem é o autor, ou seja, fazer com que o aluno se situe no texto. A segunda fase é a leitura, onde o aluno vai projetar o seu conhecimento de mundo e sua organização textual, bem como, vai utilizar outras estratégias de leitura para compreender o texto. Citamos como exemplo o skimming e o scanning. É nessa fase que o aluno vai tentar descobrir os significados de vocábulos diferentes e vai utilizar a inferência textual para auxiliar na compreensão. E por fim, a terceira fase é a pós-leitura, na qual o professor vai criar atividades com intuito de levar os alunos a refletirem, a se posicionarem de forma crítica em relação às ideias do autor do texto estudado e o seu próprio mundo.

### **3 -ANÁLISE DE DADOS**

Com a intenção de analisar o papel da leitura nas aulas de língua inglesa, apresentando uma discussão voltada à necessidade de desenvolver habilidades de leitura em língua inglesa, com foco na ativação do conhecimento prévio e de suas estratégias, como ferramenta de aprendizagem, foram aplicados questionários, para discentes e docentes, na intenção de capturar as impressões que esses sujeitos têm das aulas de leitura em LI. Nessa visão, apresentaremos os resultados com o intuito de contribuir e ratificar as ideias expostas neste trabalho.

### 3.1 -O processo da pesquisa

Inicialmente, foi feita uma pesquisa, buscando respaldo teórico que abordasse a temática aqui discutida, pois necessitávamos conhecer as considerações já mencionadas e discussões sobre a aprendizagem em língua inglesa através da leitura e os processos que cerceiam esta relação.

Nesta pesquisa discutimos a importância da leitura para toda atividade humana e que a falta ou a escassez da mesma implica em fatores negativos que inviabilizam o ensino/aprendizagem. Optamos pela pesquisa qualitativa, escolhida principalmente pela possibilidade que a mesma oferece na interpretação de significados com caráter descritivo, possibilitando uma comparação entre o que os teóricos dizem e o que encontramos na prática.

Para a consecução dos nossos objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo, através de questionários abertos aplicados a professores e alunos do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Itapororoca/PB, durante o mês de março do corrente ano. Optamos por aplicar questionários abertos com o intuito de os professores e alunos sentirem-se mais livre para opinar e defender seu ponto de vista. O questionário é constituído por indagações referentes ao ensino da língua inglesa de acordo com os PCNs e à prática da leitura utilizando as suas estratégias e habilidades, como também a sua forma de trabalhar, ou seja, a metodologia usada em sala de aula.

Para a realização deste trabalho foi escolhida uma escola pública estadual que oferece tanto o ensino fundamental como o ensino médio e a EJA- médio, sendo que os sujeitos da pesquisa foram os professores de língua inglesa do ensino médio e 10 alunos dos 1º, 2º e 3º anos, médio. Na tentativa de manter o máximo de sigilo possível dos sujeitos envolvidos na pesquisa, os professores que responderam ao questionário utilizado serão aqui tratados como: P1 e P2.

No questionário foram abordadas algumas questões com o objetivo de saber se o professor de língua inglesa norteia e planeja sua aula no que sugerem os PCNs LE, considerando a leitura e a interpretação como ferramenta primordial da aprendizagem, ativando do conhecimento prévio dos alunos e apresentando as estratégias de leitura em suas aulas. Os alunos também responderam a um questionário objetivando saber se eles reconhecem a necessidade da língua inglesa para um futuro profissional, se gostam de

ler e são motivados a esta prática, se compreendem a importância da leitura com o uso das estratégias leitoras e se seus professores estão realmente apresentando os diversos gêneros textuais, focando a leitura como ferramenta importante da aprendizagem em LI.

### **3.2-A escola Wonderful**

A escola escolhida, como já mencionado, é pública estadual, situada na cidade de Itapororoca, no interior da Paraíba com uma média de 700 alunos distribuídos entre o 9º ano do ensino fundamental, as três séries do ensino médio e a EJA-noturno. A escola funciona há 28 anos e possui uma clientela que não difere das de outras escolas públicas do interior do estado: carente de modo geral, em sua maioria proveniente de lares desfeitos ou desestruturados pela falta de emprego estável ou atividade econômica, alcoolismo e uso de drogas. No perfil socioeconômico, a maior parte dos alunos encontra-se situada na renda mínima, depende de programas federais de auxílio como o Bolsa Escola e o Bolsa Família.

Esse contexto transforma os alunos em verdadeiros sobreviventes, para os quais o dia a dia se transforma em batalha pela manutenção da vida e dos poucos bens materiais de que dispõem. A maior parte dos alunos vem da zona rural e caminham alguns quilômetros antes de chegarem ao ponto exato de pegarem os transportes escolares. Dentro desse quadro, estudar, para uns, torna-se a única forma de escapar dos ambientes desestruturados, para muitos, a esperança de vencer e crescer na vida na busca de dias melhores e futuro promissor, ao contrário da vida que seus pais levam e , para outros, uma atividade de rotina, desvinculada das finalidades que levam - direção, coordenação e docentes - à tarefa diária de oferecer-lhes as melhores condições possíveis de educação e inserção no ambiente social.

Diante desse contexto, a escola tem uma missão árdua e dupla, pois além de ensinar e compartilhar o conhecimento, precisa estimular, instigar os jovens a permanecerem na luta por melhores condições de vida, educá-los e formá-los e, para isso, a escola trabalha com uma grade curricular voltada para uma educação de qualidade para todos os educandos, procurando atingir a todas as necessidades e individualidades de forma eficaz.

Especificamente, em aulas de LE, a escola não dispõe da disciplina de Espanhol, por isso disponibiliza aulas a mais na disciplina de língua inglesa, a qual ocupa a parte

diversificada do currículo, sendo assim distribuídas: 3 aulas semanais de língua inglesa nas turmas de 1º e 2º anos e 1 aula nos 3º anos. As demais turmas seguem a grade curricular regular.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a disciplina de língua inglesa objetiva apresentar a inserção da língua inglesa da origem à atualidade, mostrando sua importância como instrumento de acesso à informação. Como também, trabalhar as diferentes tipologias e gêneros textuais através das quatro habilidades linguísticas (speaking, listening, writing, reading), os mecanismos de coerência e coesão, fazendo inferências através do conhecimento de mundo e aplicando a gramática, a fim de que, os alunos possam aplicá-la nos diferentes contextos.

Podemos assim dizer que o objetivo da disciplina corrobora com um ensino – aprendizagem voltado para o que os PCNs-LE sugerem, tornando esta pesquisa bastante pertinente.

### **3.3 - A Leitura em Língua Inglesa na voz de Professores e Alunos**

Em relação ao ensino de línguas, Alarcão (1996, p.180) apresenta duas máximas:

Professor: conhece a tua profissão e conhece-te a ti mesmo como professor para te assumires como profissional de ensino.

Aluno: conhece a língua que aprendes e conhece-te a ti mesmo como aluno para te assumires como aluno de línguas.

Somente essa conscientização dará sentido à função do professor e à função do aluno, norteando as atividades formativas em cada um desses níveis. “Educar para a autonomia, implica fazer um ensino reflexivo que, por sua vez, se baseia numa postura reflexiva do próprio professor” (ALARCÃO, 1996, p.187).

Em seguida serão apresentadas as informações da pesquisa fornecidas por professores e alunos da escola pública estadual, sobre a utilização da leitura como ferramenta de aprendizagem nas aulas de língua inglesa.

#### **3.3.1 – O ensino de leitura em Língua Inglesa na voz de professores**

Neste primeiro momento foram abordadas e analisadas as respostas das duas professoras. Respostas colhidas através de um questionário, no qual se fizeram presentes algumas questões sobre o uso da leitura e suas estratégias nas aulas de LI.

A pesquisa se deu através de questionário compostos por 7 (sete) questões, sendo uma objetiva e 6 discursivas. A seguir discorreremos sobre as repostas da P1 e P2, como também, fizemos algumas análises e observações embasadas no que os teóricos dizem.

Acerca da 1ª pergunta que aborda a formação dos professores, tanto P1 quanto P2 responderam que são graduadas em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Português/inglês. Com isso, podemos dizer que quanto à formação as professoras encontram-se habilitadas a lecionar a disciplina de língua inglesa, porém, Leffa (2006, p. 354) afirma que a questão da formação do profissional que atua no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras “envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina”. Dessa forma, percebe-se que, para ser professor de línguas, não apenas a questão da formação pedagógica geral está envolvida, mas também a de um conhecimento especializado da língua estrangeira que ensina. Vale ressaltar que uma das professoras, a P1, é efetiva e já tem experiência docente em língua inglesa há 12 anos e participou de formação continuada nos últimos 4 anos; enquanto a outra, P2, é prestadora de serviço com experiência na área há apenas 2 anos. Ambas estão na escola pesquisada há 2 anos.

Partindo para a 2ª pergunta: Você se norteia nos PCNs – LE para planejar suas aulas? Obtivemos como respostas que

P1- Sim. Planejo minhas aulas conforme o que os PCNs sugerem focando o aluno como protagonista, relacionando os conteúdos trabalhados com a realidade deles.

P2-Sim. Procuro desenvolver o conhecimento crítico dos alunos relacionando o conteúdo ensinado com suas realidades.

As professoras tiveram respostas bem parecidas. P1 respondeu que sim, que planeja suas aulas de acordo com o que os PCNs sugerem, com foco no aluno como protagonista, a fim de relacionar os conteúdos com a realidade e necessidade dos alunos. Já P2, respondeu que procura desenvolver os conhecimentos críticos dos alunos relacionando o conteúdo ensinado com a realidade. O que podemos evidenciar é que,

embora suas respostas estejam em consonância com o que os PCNs sugerem, as professoras demonstraram pouco conhecimento do que preveem os PCNs, pois os mesmos enfatizam o foco na leitura e na interpretação de textos, citando as quatro habilidades básicas e a importância do incentivo ao desenvolvimento da oralidade. Ao dizer que relaciona o conteúdo com a realidade dos alunos a fim de desenvolver o conhecimento crítico, P2 considerou a contextualização dos conteúdos, pois afirmou aproximar o aluno daquilo que está aprendendo, fazendo-lhe perceber sentido nos conteúdos e permitindo a sua aplicação para resolver situações-problema. Lima (2002, p. 23) salienta que “quando os aprendizes experienciam dificuldades de comunicação, são levados a tornar sua produção mais precisa, coerente e exata”.

Em relação a 3ª pergunta: **Quais metodologias você utiliza para desenvolver as habilidades e competências básicas previstas nos PCNs – LE?**

P1- Procuo levar o aluno a entender a proposta de LE, para tanto utilizo a oralidade, imagens, jogos, palavras cruzadas, músicas e livro paradidáticos. Uso tudo isso para contextualizar com a gramática, unindo prática e conteúdo.

P2- Trabalho textos de acordo com o grau de aprendizagem dos alunos, e sugiro que identifiquem palavras conhecidas para assim buscar compreender o vocabulário novo e inserir a gramática.

Notamos que as professoras inserem diferentes gêneros textuais em suas aulas e trabalham com textos, embora ainda não foquem o uso necessário das estratégias leitoras, a fim de facilitar a compreensão. O que percebemos é que os gêneros textuais são apresentados em sua maioria como pré-textos para introduzir a gramática. Muitas vezes os professores apresentam a leitura pela leitura, sendo muito planejamento, os textos não são selecionados pelo seu potencial desafiador, para levar o aprendiz a pensar. Eles são apenas considerados veículos para a apresentação e/ou fixação de estruturas linguísticas, vistos como um material de interesse geral, de conteúdo seguro e não questionado. Para Coracini (2002, p. 18), “nas aulas de língua, o texto é usado como pretexto para o estudo da gramática, do vocabulário ou de outro aspecto da linguagem que o professor reputa como importante ensinar”. Sabemos que a leitura é de suma importância para o estudo, para a construção e reconstrução do conhecimento, e não

deve ser utilizada apenas como um fim para realização de atividades de vocabulário e gramática, e sim, com o propósito de ampliar o conhecimento cultural, crítico, discursivo e informativo do aluno.

Analisando, respectivamente, a 4ª e a 5ª pergunta, pois ambas estão relacionadas, temos: **Considera importante trabalhar a leitura em suas aulas? Por quê?**

**Você trabalha com leitura em suas aulas? De que forma?**

Respondendo a pergunta 4, P1 afirma que:

P1- Sim, considero a leitura importante, mas há uma grande dificuldade, pois o nível dos alunos é baixo, e eles não se sentem motivados. Outra dificuldade é o material didático que é fator desmotivador em sala de aula, pois seus textos são extensos. Também contamos com poucos materiais didáticos em LE para garantir o sucesso e o andamento da aula e a prática da leitura. Enfim, tento criar oportunidades para o desenvolvimento desta prática na medida do possível.

Embora P1 seja uma professora experiente, que sempre procura se atualizar e inserir gêneros textuais diversos em suas aulas, a professora considera a prática de leitura interpretativa inviável diante da pouca habilidade de seus alunos. Constata-se, mais uma vez, que a ativação do conhecimento prévio dos alunos e das estratégias leitoras são ignoradas pela professora nas aulas de LI. Acerca da 5ª pergunta, a mesma relata que:

P1- Sim. A leitura em minhas aulas é feita com objetivo tradutor, para aumentar o vocabulário e como forma de proporcionar uma aula diferente, usando letras de músicas para descontrair. Os textos são escolhidos de acordo com o conteúdo trabalhado, a fim de introduzir a gramática.

Vale lembrar que, o professor que é o facilitador da aprendizagem de leitura em língua inglesa e que quando se é motivado pelo interesse no assunto e ativado o conhecimento prévio do aluno, é possível desenvolver um ensino de língua inglesa voltado para o desenvolvimento da habilidade de leitura e interpretação de textos. Também vale ressaltar, que para compreender com competência o sentido do texto, é

necessário confrontar os dados da informação presente no texto com o conhecimento prévio do leitor. Como Coracini (1995, p. 14) afirma, “o bom leitor é aquele que é capaz de percorrer as marcas deixadas pelo autor para chegar à formulação de suas ideias e intenções.” Portanto, para se ter conhecimento de boa parte dos aspectos de um texto, é interessante realizar esse embate entre os dados de um texto e o conhecimento prévio que o leitor traz consigo. Fazendo essa ligação ou interação, o leitor terá a oportunidade de formular e de construir suas próprias ideias utilizando estratégias para decodificar o texto. Assim, os alunos entram em contato com os diferentes gêneros textuais, mas não os dominam. “O domínio dos diferentes gêneros pode auxiliar o aluno a ser legítimo “dono” de sua fala”, isto é, ele leva o aluno, com maior consciência, aos diferentes lugares “a partir dos quais [ele] pode falar e escrever” (BENTES, 2005, p.121).

No tocante às perguntas 4 e 5, supracitas, a P2 diz:

P2 -Considero importante trabalhar leitura em LI porque posso inserir também a literatura no ensino – aprendizagem da língua, com o objetivo de ampliar a carga cultural dos alunos através de textos que exploram outras culturas.

P2- Sim. Trabalho a leitura propondo textos relacionados aos aspectos gramaticais trabalhados em sala.

Neste sentido, com relação à cultura, os PCNs salientam que quando se fala em “outras culturas”, é comum que venha à mente do leitor a referência a outras culturas estrangeiras, de outros países que falam outras línguas. Essa é uma possibilidade. Mas com a ampliação dos estudos sobre cultura, pode-se também interpretar que essas “outras culturas” estão muito próximas de cada professor e aluno, em seus próprios meios de convivência (como é o caso da diversidade com a qual todos convivemos) (BRASIL, 2006, p. 97).

As respostas de P1 e P2, revelam que realmente não aplicam, suficientemente, a prática e métodos sugeridos pelos PCNs, embora busquem recursos adequados, a exemplo do material disponível. É necessário, conforme sugere os PCNs (BRASIL, 1998a, p.96): “ a análise de diferentes gêneros (slogans, quadrinhos, revistas), ou seja, uma leitura prazerosa, que faça parte do universo do aluno, e a partir daí explorar a gramática de forma contextualizada”. Contudo, acreditamos que o principal problema é

a falta de formação profissional e comprometimento da maioria dos professores. Os docentes deveriam acatar as sugestões de Tomitch (1991 apud LIMA, p.192, 2009): “Mostre aos alunos, por meio das atividades e textos propostos, que o foco das aulas está na compreensão leitora e não na gramática ou novo vocabulário isoladamente”. Nesse sentido, o foco das aulas deveria ser o desenvolvimento das habilidades comunicativas, priorizando as atividades de leitura e a compreensão de textos, possibilitando um espaço para que os alunos pudessem interagir de fato com a língua como reforça os referidos documentos. “Os assuntos e temas trazidos para a sala de aula devem ter relação como o universo de interesses dos alunos”. (BRASIL, 1998a, p.108).

A pergunta 6, nos mostrou incoerência e uma certa contradição em relação as respostas das perguntas 4 e 5, uma vez que questiona: **Você percebe se os alunos valorizam a aula em que é trabalhada a leitura? Como e Por quê?**

P1- Com certeza. Eles adoram e ficam contentes quando conseguem ler ou interpretar algo em inglês. Ficam motivados e participativos.

P2- Sim. Os alunos demonstram contentamento com a leitura ao perceberem que são capazes de compreender textos em inglês.

As professoras P1 e P2, responderam que observam nos alunos uma demonstração de contentamento e satisfação com a leitura quando os mesmos percebem que são capazes de compreender textos em inglês. A contradição se dá pelo fato de que nas perguntas anteriores, as professoras afirmaram que trabalham pouco com a leitura interpretativa devido a desmotivação dos alunos. Fica evidente que, a prática leitora é menosprezada nas aulas de LI, ou melhor, não há o incentivo no trabalho com as estratégias leitoras nem se leva em consideração as necessidades e interesses dos alunos, pois se eles demonstram contentamento quando se dão conta que conseguem ler em inglês, o que falta é domínio e planejamento por parte das professoras para motivar seus alunos para o ato de ler. Para Cameron (2003 apud ROCHA, 2007) o professor além de dominar a língua que ensina, precisa ter conhecimentos relacionados a como o aluno se desenvolve, pensa e aprende língua, e conhecer os fatores e aspectos que o motivam.

A pergunta 7: **Você ensina aos seus alunos as estratégias de leitura para facilitar a compreensão dos textos? Comente.**

P1- Trabalho as estratégias de leitura como facilitadoras, a exemplo de: localizar palavras cognatas e utilização do dicionário para entender o significado de palavras desconhecidas, mas somente como auxílio, sem traduções de textos na íntegra. Incentivo-os a buscar a compreensão do vocabulário novo a partir do que já conhecem, pois acredito que motive-os a tentar além de mostrar que são capazes.

P2- Trabalho com pequenos textos e alguns retirados de livros, algumas vezes trabalhos individuais, outras em grupo. Exploro a interpretação de textos, geralmente músicas, levando o aluno a identificar palavras cognatas, o assunto tratado, e depois o uso do dicionário. Também uso textos diversificados, enfatizando o reconhecimento de gênero, assunto, objetivos textuais e aspectos gramaticais

Observa-se que se trabalha com estratégias como skimmingandscanning, mas com prática tradutora que não são interessantes, pois limitam o aluno apenas ao aumento do vocabulário sem um contexto, sem inferências, tornando o trabalho textual cansativo, priorizando as traduções literais. Nota-se que P1, embora acredite que já use, a mesma não tem um conhecimento real das estratégias leitoras.

De acordo com, Isabel Solé, em uma entrevista para a Revista Nova Escola em 17 de Junho de 2012, a leitura exige motivação, objetivos claros e estratégia. Para a especialista, o professor ajuda a formar leitores competentes ao apresentar, discutir e exercitar as principais ações para a interpretação.

A P2 respondeu que trabalha com pequenos textos e alguns retirados de livros, algumas vezes trabalhos individuais, outras em grupo e disse explorar a interpretação de textos, geralmente músicas, levando o aluno a identificar palavras cognatas, o assunto tratado, e depois o uso do dicionário. A P2 também afirmou trabalhar com textos diversificados, enfatizando o reconhecimento de gênero, assunto, objetivos textuais e aspectos gramaticais. No tocante a isso, os PCNs (BRASIL, 1998a, p. 98) enfatizam:

No que concerne à leitura, contempla pedagogicamente suas várias modalidades: a visual (mídia, cinema), a informática (digital), a multicultural e a crítica (presente em todas as modalidades). Procura desenvolver um leitor como aquele que entende que aquilo que lê é uma representação textual, como aquele que, diante do que lê, assume uma posição ou relação epistemológica no que concerne a valores, ideologias, discursos, visão de mundo.

Compartilhamos com o ponto de vista de Bohn (2001) de que a inovação incomoda, desestabiliza, angustia, provoca a polêmica e a incerteza. Não tenho o conforto da certeza, mas tenho a certeza no prazer do diálogo, da percepção inesperada e das emoções. Reconheço o alerta de Bohn (2001, p.121) de que “o professor que ensina dentro de uma perspectiva inovadora, precisa estar em estado de aprendizagem. No momento em que se distancia da aprendizagem torna-se autoritário, patriarcal, prescritivo, [...]”.

Apesar de reconhecermos todos esses aspectos limitantes no ensino de LE, mesmo assim acreditamos na capacidade do professor em procurar superar essas dificuldades. Os professores devem aproveitar a recomendação do MEC, quanto à ênfase na leitura, para desenvolver um ensino de LE centrado basicamente na compreensão geral do texto e, ao fazê-lo, apresentar textos, através dos quais o aluno poderá ampliar seus horizontes, questionando, criticando, refletindo e criando condições para um aprendizado mais condizente com sua realidade.

Diante do exposto, fica evidente que, um aspecto dificultador de uma prática de leitura satisfatória – tanto para o próprio professor como para os alunos – é a reconhecida distância entre a teoria e a prática. Como referem Esteban e Zaccur (2002), o cotidiano da escola não condiz com os pressupostos teóricos defendidos por especialistas que, muitas vezes, desconhecendo a realidade da sala de aula, propõem orientações sem, no entanto, explicitar como viabilizá-las. Dessa forma, cria-se um hiato entre o que o professor deve fazer e o que ele pode fazer.

Por outro lado, de acordo com a pesquisa, as professoras sinalizam que trabalhar leitura nas aulas de LI pode ser uma importante e, por que não dizer, essencial, ferramenta de aprendizagem. Com base nos resultados apresentados, constatamos também que as professoras, embora timidamente, estão buscando meios de inserir em suas aulas as quatro habilidades da língua, sugeridas pelos PCNs, que são a capacidade de o aluno entender, ler, falar e escrever utilizando a língua inglesa.

Sabemos que essas professoras que participaram do nosso questionário de pesquisa ainda é minoria. Muitos educadores que estão em sala de aula continuam com práticas pedagógicas calcadas em métodos ultrapassados e alimentando a crença de que não se pode aprender inglês na escola, muito menos, ler satisfatoriamente sem a prática tradutora palavra por palavra.

Diante do exposto, pode-se perceber que o professor poderá ser um grande motivador ou “destruidor” do gosto de seu aluno pela leitura. Porém, os professores precisam estar capacitados para enfrentar estes novos desafios, por meio de uma formação permanente, contínua e estudo embasado nos PCN-LE, como também, estar adquirindo e aprimorando suas competências para a ação no espaço escolar. A seguir, vemos essa discussão na voz dos alunos.

### **3.3.2 – O ensino de leitura em língua inglesa na voz dos alunos**

Configurados como instrumentos para análise dos dados desta pesquisa, os questionários dos alunos serviram para responder as indagações da nossa pesquisa e para saber como se configura o ensino de leitura em língua inglesa na sala de aula. Nesse sentido, esses instrumentos serviram para refletir a percepção e o interesse dos alunos frente ao ensino de inglês e a leitura como ferramenta importante de aprendizagem.

Sobre a primeira pergunta, a qual buscou verificar se os alunos gostam de ler, dos 10 alunos questionados, 80% afirmaram que sim e 20% que não. Fato que nos surpreendeu, uma vez que, de modo geral, os alunos não apreciam a leitura. Dentre as justificativas apresentadas pelos alunos que gostam de ler textos em inglês, destacam-se: aprender mais sobre a língua, preparar-se profissionalmente, aprender vocabulário novo, ampliar conhecimentos gerais, ajudar na fala, aprender mais sobre gostos e costumes de outros países e até mesmo preparar-se para usar a língua inglesa no exterior. Justificaram também que a leitura torna os seres mais cultos, inteligentes e críticos, aprimora a escrita, a interpretação e o vocabulário, conforme afirma Zilberman:

Com efeito, a leitura, se é estimulada e exercida com maior atenção pelos professores de língua e literatura, intervém em todos os setores intelectuais que dependem, para sua difusão, do livro, repercutindo especialmente na manifestação escrita e oral do estudante, isto é, na organização formal de seu raciocínio e manifestação. (Zilberman 1986, p.7)

É importante que os alunos saibam que mesmo os sujeitos fluentes em língua inglesa encontram obstáculos no ato de ler, mesmo utilizando as mais variadas estratégias de leitura. É necessário, portanto, ensinar aos alunos como usar corretamente as estratégias, para que servem e quando devem ser usadas. Assim, é possível desenvolver um ensino de língua inglesa voltado para o desenvolvimento da habilidade de leitura de textos. Vale ressaltar que, o objetivo maior do ensino de leitura deve ser preparar os alunos a usá-la de forma confiante lidando com diferentes tipos de linguagens e contextos, para tanto é preciso uma estrutura pedagógica que dê subsídio aos alunos expondo-os à linguagem durante os estudos.

Já aqueles que não gostam de ler textos em inglês justificam suas respostas dizendo que não sabem traduzir as palavras, não sabem ler direito e não sabem falar a língua. Além disso, atribuem o fato de a língua inglesa ser complicada e, por estarem no Brasil, não terem necessidade de aprender inglês.

Sobre esse aspecto, os PCNs-LE (BRASIL, 1998b) colocam que o trabalho com textos, muitas vezes descontextualizados, em forma de exercícios de tradução, cópia, repetição e transformação acarretará o desinteresse do aluno em relação à língua, porque “sem a oportunidade de arriscar-se a interpretá-la e a utilizá-la em suas funções de comunicação, acabará não vendo sentido em aprendê-la” (p.54)

Ainda, 20% dos alunos responderam que não gostam de ler, nem consideram a leitura em inglês importante, porém afirmaram que gostariam de ler mais.

Silva (1983) explica que quando os cidadãos tornam-se leitores, conseqüentemente, seu poder de contestação e crítica aumenta, pois deixam de ser alienados, podendo, então, inserir suas opiniões na política.

Constata-se que existe certa contradição neste aspecto, pois apesar de nem todos os alunos considerarem a leitura importante, todos gostariam de ler mais. Certamente todos sentem a necessidade da leitura.

É bom lembrar que o uso de textos deve acontecer ao longo da aprendizagem a fim de construir a autoconfiança e o desenvolvimento das estratégias de leitura. A utilização de redes de informações, como a internet, por exemplo, fica favorecida pela competência comunicativa em diferentes línguas estrangeiras.

Quando questionados se o professor trabalha a leitura em língua inglesa e de que forma esta acontece, 70% dos alunos afirmaram que seus professores trabalham com leitura e 30% disseram não. Dos que responderam afirmativamente, 5 alegaram que os professores usam textos *apenas* para inserir a gramática, ou seja, o uso dos textos,

unicamente, como pré-texto, a fim de trabalhar os conteúdos programados. Outros 5 afirmaram que seus professores trabalham com textos interativos e literários, objetivando ampliar o vocabulário e trabalhar a tradução. Outros, afirmam que usam os textos para trabalhar a interpretação, a discussão, as inferências.

Conforme lembra Almeida Filho (2003), a prática secular no Brasil privilegia o estudo da língua pela língua, muita forma gramatical que se enfeixa num colar de conhecimentos desaplicados, que se vão de nossa memória sem aviso prévio.

Isso nos mostra que a prática de ensino de leitura com base na tradução ainda persiste nas escolas analisadas, o que pode justificar o desinteresse dos alunos em ler textos em inglês conforme foi exposto anteriormente.

É desanimador concordar que o ensino de inglês se limita, em grande parte das escolas, a práticas que vão de encontro com o que sugerem as propostas dos PCN-LE e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Língua Estrangeira (doravante OCEM-LE), os quais indicam a leitura como prática contextualizada e crítica de linguagem, sendo norteadas por textos autênticos, que circulam nas várias esferas da atividade humana. Os PCNs-LE defendem que ler implica “situar o texto, identificando quem é o autor, o leitor virtual, quando e onde é publicado e com que propósito (a quais interesses servem), de modo a evidenciar a leitura como uma prática sociointeracional” (BRASIL, 1998b, p. 92).

De fato, sabemos que a percepção geral do ensino de inglês nas escolas é que os alunos não memorizam mais do que o verbo *tobe*, repetido ano após ano nas aulas de inglês, sem nunca ser de fato aprendido. Vale ressaltar que o déficit na aprendizagem de LI, pode ter origem na própria experiência do aluno na escola, que enfatiza excessivamente aspectos gramaticais da língua, tratando-a, muitas vezes, como um fim em si só.

Ainda sobre a forma de como os professores trabalham a leitura nas aulas de inglês, 40% dos alunos complementaram que, não sempre, seus professores iniciam os textos discutindo a temática de cada um questionando-os sobre o que já sabem sobre o tem estudado. De acordo com esses alunos, os professores também pedem para que eles encontrem no texto palavras cognatas, ou seja, aquelas que já se parecem com elas em português, como também, identifiquem a ideia central do texto (*skimming*) e localizem informações específicas (*scanning*). Vale destacar que, o uso repetido de algumas estratégias de leitura – *skimming, scanning, prediction*– contribui para que o aluno adote o comportamento do leitor proficiente. Ao usá-las de forma sistemática, acaba por

entender o texto não como uma realidade impenetrável, mas como uma possibilidade de interação.

Na 3ª pergunta: Nas leituras, o professor usa só textos dos livros didáticos? e/ou outros? Todos os alunos que responderam o questionário, afirmaram que seus professores usam outros textos além dos sugeridos nos livros didáticos, a exemplo de letras de músicas, textos literários, reportagens e até livros paradidáticos. Podemos concluir que, os professores de língua inglesa, oportunizam uma aprendizagem significativa apresentando diferentes gêneros textuais aos seus alunos, o que fica a desejar é a forma de como ou se a leitura destes textos se efetivam. É importante destacar que os professores devem fazer com que seus alunos tenham a consciência dos objetivos da leitura e de quais estratégias podem utilizar e, dessa forma, prepará-los para trabalhar com qualquer tipo de textos, tanto no ambiente escolar como no contato com textos de revistas, jornais, sites e outros materiais que possa encontrar em seu dia a dia.

A 4ª pergunta indaga se o professor faz sondagem para saber os gêneros textuais e quais assuntos os alunos gostariam de ler em sala de aula?

A grande maioria disse que *não*, que seus professores trazem os textos de acordo com as escolhas deles mesmos e, mais uma vez, com o intuito de apresentar apenas a gramática. Não queremos aqui menosprezar ou execrar o ensino de inglês com foco em estruturas gramaticais, mas sim, defender que o mesmo seja ensinado contextualizado com a prática de leitura e interpretação, privilegiando as estratégias leitoras e ativando o conhecimento prévio dos alunos, viabilizando, assim, uma interação que inclua o aluno no processo de ensino-aprendizagem, pois todo conhecimento é uma forma de conhecer a nós mesmos e criar possibilidades para compreender a vida social.

Sobre esse processo de escolha dos textos, o PCN-LE (BRASIL, 1998b, P. 92) lembra que:

será importante envolver os alunos nesse processo de coleta de textos para se assegurar, por um lado, o interesse dos alunos, e por outro lado, a conexão entre o que se faz na sala de aula de Língua Estrangeira e o mundo fora da escola onde a língua estrangeira é usada.

Como o objetivo de saber se e como o inglês pode ajudá-los em um futuro profissional, os alunos responderam, em sua maioria absoluta, que o inglês é muito importante para a comunicação, pois através do uso da língua podem se comunicar com pessoas de outros países, ampliando seus conhecimentos e, conseqüentemente,

ampliando os caminhos que os levam a um futuro profissional. Afirmaram também que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente e que dominar uma segunda língua é requisito essencial para arrumar um emprego. O que fica evidente através das respostas é que os alunos são conscientes da necessidade de se aprender uma segunda língua a fim de aplicá-la além dos muros da escola, compreendendo que com a globalização surgiu uma maior necessidade do conhecimento da língua inglesa, visto que é a língua mais falada em todo mundo e que atende às exigências da comunicação no ramo da internet, e a inclusão no mercado de trabalho.

O que nos surpreendeu foi o fato de eles não relacionarem o aprendizado da língua com as exigências das avaliações externas, a exemplo do Enem; como também, em nenhum momento, citaram o ingresso nas universidades como um futuro promissor, nem mencionaram a importância de uma segunda língua para ampliar sua bagagem cultural.

No tocante à avaliação que os alunos fazem do inglês que aprende na escola, eles consideram de básico a adequado, ressaltando que pode ser melhor, pois na fala deles, a escola poderia adotar a metodologia usada nos cursos de línguas, a qual valoriza e aplica a habilidade de conversação, considerada pelos alunos como dinâmica, atraente para aprender inglês. Também na fala dos alunos, é revelado que a maioria gostaria de trabalhar com mais textos, músicas e formas lúdicas de aprender a língua.

Observemos o depoimento de um aluno de 14 anos, ao responder o que ele esperava da disciplina de inglês na escola: “Quase nada, pois aprendi mais inglês ouvindo música na internet do que na escola” O depoimento deste aluno deixa bem claro que ainda existe a ideologia de que a escola pública não é capaz de ensinar a Língua Inglesa, ou qualquer outra língua estrangeira. No entanto, hoje a escola pública já tem competência para ensinar a língua estrangeira. O problema parte dos professores ao ensinar gramática achando ser o suficiente para aprender a Língua Inglesa. O professor falha ao não incorporar à sua prática de ensino novas abordagens e métodos, experimentar outras ideias e tentar um processo dinâmico e de constantes renovações. Observe o depoimento desta aluna, da escola Wonderful no município de Itapororoca/PB, ao avaliar o inglês que aprende na escola: “Acho fraco. Queria uma coisa mais avançada, coisas novas algo do tipo” (aluna de 15 anos, 2º ano).

Face ao exposto, grande parte dos alunos percebe a leitura como um instrumento facilitador da aprendizagem, pois como constatou-se, os professores realizam algumas atividades com a leitura, assim o gosto e o hábito estão sendo constantemente

estimulados. A forma que o professor utiliza a leitura faz grande diferença na concepção que os alunos têm sobre esse ato. No entanto, os alunos da nossa pesquisa avaliam como básico e restrito o inglês que aprendem na escola, uma vez que, seus professores focam o uso de regras gramaticais, traduções e pouca atividade de leitura,

Quanto mais estímulos se têm, mais importante os alunos vão considerar a leitura, lerão mais e serão leitores praticantes e mais conscientes. A forma que o professor utiliza a leitura faz grande diferença na concepção que os alunos têm sobre esse ato.

De modo geral, através das respostas dos alunos, percebemos um certo amadurecimento da turma e uma postura reflexiva frente ao ensino de LI. Com base nas respostas para análise, pudemos evidenciar alguma alteração no perfil do alunos no que diz respeito ao interesse e ao gosto pelo idioma estrangeiro e à possibilidade de leitura. Podemos inferir que, embora se assumam como leitores infrequentes, os alunos sentem a necessidade de um ensino permeado pelas 4 habilidades linguísticas de listening (ouvir) , speaking (falar), writing (escrever) e reading (ler), levando-os a um contato efetivo com a língua e, conseqüentemente, ao aprendizado.

## **Considerações Finais**

Conforme foi apresentado ao longo deste estudo, a leitura constitui um elemento muito importante para a formação do indivíduo, propiciando a ele acesso às mais diferentes formas de cultura e saber. Silva (1992) assevera também o fato de ela ser uma forma de estimular a descoberta e a elaboração do conhecimento, tornando-o atingível a outras pessoas. No âmbito educacional, ressalta-se a importância dada pelos PCN-LE (1998b) a essa habilidade, preconizando seu ensino de forma crítica e reflexiva, visando à formação de um leitor consciente e maduro, participante e ativo.

As inúmeras tentativas de tornar o ensino de Inglês mais significativo para os alunos resultaram nas diferentes metodologias que vêm subsidiando, ao longo do tempo, esse ensino. Dentre essas metodologias, a habilidade de leitura recebeu maior importância não só por destacados teóricos dessa área, mas também pelas diretrizes apontadas pelo MEC para qualificar o ensino de LE. Assim sendo, a prática interativa de leitura se consubstancia no uso de estratégias leitora, através das quais o leitor segue determinadas “dicas” de como interagir com o texto, diferentemente de um trabalho em

que o texto era apenas decodificado pelo aluno. Através da prática interativa de leitura, o aluno pode conseguir apreender o significado geral de um texto em inglês, percebendo as diferentes leituras que podem fazer não só desse texto, mas também do mundo.

Com esse estudo foi possível verificar que os PCNs concordam com o ensino de língua inglesa com foco em uma concepção de leitura que leva em conta a interação autor/texto/leitor e a considera como uma atividade de produção de sentido que o leitor constrói a partir da utilização de estratégias conduzidas pelos professores de LI, como: skimming, scanning, prediction, cognates, repeated words, typography, keywords, a fim de facilitar o entendimento de diferentes gêneros textuais. Os PCNs sugerem, sim, um trabalho constante com diversos tipos de textos e, segundo os parâmetros, esta é a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura.

Através desta pesquisa, procuramos analisar o papel da leitura nas aulas de língua inglesa, apresentando uma discussão voltada à necessidade de desenvolver habilidades de leitura em língua inglesa, com foco na ativação do conhecimento prévio e de suas estratégias, como ferramenta de aprendizagem. Para tanto, refletimos acerca de como ocorre o ensino da LI no ensino médio de uma escola pública no município de Itapororoca/PB, a fim de comparar as práticas e metodologias utilizadas por professores com o que sugerem os PCNs.

A escola e a educação como um todo vêm enfrentando problemas que podem ser amenizados com um olhar por parte do professor voltado aos interesses do aluno. É preciso que o professor se preocupe em fazer com que o aprendiz sinta prazer em estar na escola, que se empenhe em adquirir conhecimento.

Nesse sentido, vale lembrar que, de acordo com o que está previsto nos PCNs, muito mais do que uma simples aula de regras gramaticais, as aulas de LE podem ser extremamente ricas, à medida que abrem espaço para que o aprendiz consiga (re)construir sua carga cultural e linguística.

Este trabalho nos possibilitou perceber que, em parte, alguns professores de LI ainda não possuem o conhecimento suficiente do que propõem os PCNs, e quando os conhecem, não conseguem colocá-los em prática de forma efetiva, por vários motivos. Um deles são os poucos períodos semanais em cada turma, o que dificulta um trabalho mais dinâmico e contextualizado. Outro ponto negativo observado é a falta de uma metodologia voltada para a leitura em sala de aula.

Um aspecto positivo a se considerar, é que, diferente do que se supunha, as professoras entrevistadas demonstraram algum conhecimento dos PCNs, mesmo que não aprofundado. Como positivo também, destacamos o interesse dos alunos pela leitura e a visão deles frente ao ensino-aprendizagem da LI e da importância da mesma em suas vidas. Também podemos registrar a consecução do objetivo traçado. Isso reforça nossas convicções de que é possível desenvolver um ensino de LI que seja significativo e prazeroso tanto para os alunos como para os professores.

Constatamos, com base nos dados obtidos, que atividades com a leitura e compreensão de textos são, de fato, realizadas pelos docentes na escola estudada. Não obstante, observamos que, ao abordar tal habilidade, alguns professores encontram-se ainda desvinculados das teorias sobre o ensino de leitura em língua estrangeira arroladas na revisão da literatura deste estudo.

No desenvolvimento desta pesquisa, observamos que poucos preocupam-se em ativar o conhecimento prévio dos alunos nas aulas de leitura. Notamos ainda que a leitura restringe-se apenas a repetição ou a trabalhos de tradução, havendo pouca interação dos alunos com o texto.

Observamos, no entanto, que boa parte dos alunos, demonstra interesse pela leitura em língua estrangeira como atividade que lhes propicie conhecimentos variados, como a ampliação de vocabulário, informações culturais e obtenção de conhecimentos sobre o mundo. Percebeu-se ainda que existe, tanto por parte do aluno quanto por parte das professoras, consciência da importância da leitura em língua inglesa e de seus benefícios, embora algumas crenças ainda permaneçam, fazendo com que professores e alunos criem bloqueios em relação ao trabalho com essa habilidade: ambos reconhecem a sua importância, mas apontam problemas em relação a ela.

Face ao exposto, pode-se concluir que os professores do ensino médio precisam sistematizar seu trabalho em relação a essa habilidade de forma que ela tenha um embasamento teórico consistente. Enfatizamos a importância da relação leitor/texto, juntamente com a ativação do conhecimento prévio no processo de leitura.

Podemos afirmar, portanto, que os objetivos da pesquisa foram atingidos em parte. Acreditávamos que as professoras tivessem menos conhecimento do que demonstraram sobre os aspectos abordados nos PCNs. Houve, portanto, um ponto de conflito e questionamento, o qual compartilhamos: se elas têm conhecimento do que sugerem os documentos, por que esses conhecimentos não são efetivados em sua totalidade na prática docente? Embora não tenhamos uma resposta pronta para esta

pergunta (quem sabe seja o tema de uma próxima pesquisa), os dados levantados evidenciaram que as professoras entrevistadas conhecem, embora superficialmente, o conteúdo do documento. Este fato foi considerado como positivo pelo estudo realizado.

Vale ressaltar que, nos PCN-LE são abordados todos os aspectos relevantes no ensino da LE. Neles são mencionadas diversas contribuições de uma educação voltada aos interesses dos alunos, como: expansão das habilidades comunicativas e ampliação cultural, compreensão das diferentes formas de comunicação e da variabilidade dialetal, adequação linguística de acordo com o ambiente em que está inserido.

No tocante ao ensino de inglês, ainda temos muito que caminhar, mas de modo geral, no Brasil melhorou. Apesar dos obstáculos, é viável ensinar a língua estrangeira na escola regular, desde que fiquem claros os objetivos e a metodologia. A orientação não é que o aluno saia falando inglês da escola regular, mas que ele tenha contato com a língua, que ele absorva aspectos de uma nova cultura e desenvolva a comunicação. O aluno tem de sair da escola com uma compreensão global, tanto da linguagem escrita, quanto da linguagem falada, sendo capaz de participar do mundo multilíngue e multimídia.

Concluimos afirmando que acreditamos que os PCNs e PCN-LE apontam a direção quanto aos conteúdos e metodologias a serem desenvolvidos no ensino de línguas estrangeiras quando abordam a necessidade de se ampliar a visão de conteúdo para além dos conceitos e da nomenclatura gramatical e quando ressaltam a necessidade de se valorizarem o trabalho dos professores, já que esses são mediadores do conhecimento socialmente produzido. Como pesquisadores, estamos procurando ver os PCNs como um documento que pode nortear ações no ensino-aprendizagem de língua estrangeira, no caso aqui abordado, a inglesa, mas de forma crítica, não dogmática e passível de outras interpretações.

Tornar o ensino da língua inglesa no Brasil mais eficaz exige que todos os interessados nessa perspectiva: alunos, professores, autoridades e a sociedade como um todo, se unam e se empenhem, já que, como bem conclui Freire (1997, 84), “ (...) A educação autêntica repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B”

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Formação reflexiva de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1996.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **de Ontem e hoje no ensino de línguas no Brasil**. In: STEVENS, C.M.T. CUNHA, M.J.C. (Orgs.). *Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: Ed. da UNB, 2003.

BOHN, Hilário I. “Maneiras inovadoras de ensinar e aprender: A necessidade de des(re)construção de conceitos.” In: LEFFA, Vilson José. (Org). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 2006. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>> Acesso em 20/abril/2014.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>> Acesso em 01/abril/2014.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares Nacionais: ensino médio*. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Brasília, MEC/SEMTEC, 1998a.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BROWN, H. D. *Techniques and materials*. In: BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994. p. 135-155.

CAMPOS, G. P. C. *As crenças sobre leitura em língua estrangeira de uma professora e seus alunos: um estudo de Caso*. 151 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

CELANI, Maria Antonieta Alba. **Ensino de línguas estrangeiras: olhando para o futuro**. Ensino de segunda língua redescobrimo as origens. São Paulo: EDUC, 1997.

CORACINI, Maria José (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Concepções de leitura na (pós)modernidade**. In: LIMA, R. C. C. P. (org.) *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas/SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista/SP: UNIFEOP, 2005, pp. 15-44.

\_\_\_\_\_. **O jogo discursivo na sala de aula: língua materna e língua estrangeira**. Campinas/SP: Pontes, 2002.

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges. “**A pesquisa como eixo de formação docente**”. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (Org.). **Professora pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro, DPA, 2002.

FERNANDES, C.; LIMA, D. C. O ensino de língua inglesa e a questão cultural. In: LIMA, Cândido Diógenes (Org.). Ensino e aprendizagem de língua inglesa. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GOODMAN, Kenneth.S. **O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento.** Porto Alegre: Artes Médica.1991.

GRABE, William. **Dilemma for the development of second language reading abilities.** In: RICHARDS, Jack C. **Methodology in language teaching: an anthology of current practice.** Cambridge: Cambridge University Press: 2002.

GUERRA RAMOS, R. de C. (Org.). **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas.** Campinas, SP:Mercado das Letras, 2005.

IBIAPINO, José Kelli Santos. **Estratégias de leitura: uma forma de facilitar a leitura e compreensão de textos em língua inglesa.** Artigo científico apresentado como trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Língua Inglesa pela Faculdade Montenegro, Picos – PI, 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com>

KATO, Mary A. O aprendizado da leitura. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KEZEN, Sandra. Ensino de leitura em língua estrangeira: a contribuição do modelo sociointeracional na construção do conhecimento e do sentido dos textos. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/ed44/educacao.asp>

KLEIMAN, A. **Leitura: Ensino e Pesquisa.** Campinas, Pontes, 2000.

\_\_\_\_\_, Ângela. Texto e Leitor. **Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas – SP: Pontes, 4ª edição, 1995. 1984 apud KLEIMAN, A. (org.) Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor :Aspectos cognitivos da leitura.**Campinas, Pontes, 1989.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional.** Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 1-20, 2006. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/oensle.htm>. Acesso em 08 de Maio de 2014.

LIMA, Diógenes Cândido (Org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MOITA LOPES, Luis Paulo. **A nova ordem mundial, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de inglês no Brasil.** (2003).

PAIVA, V.L.M.O. **Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem.** Campinas e São Paulo: Pontes e ALAB, 2005

RICHARDS, Jack C. **Methodology in language teaching: an anthology of current practice.** Cambridge: Cambridge University Press: 2002.

ROCHA, C. H. (2006). **Provisões para Ensinar LE no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries: dos Parâmetros Oficiais e Objetivos dos Agentes.** Dissertação (Mestre) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SOLÉ, Isabel. **Motivação, Objetivos claros e Estratégias.** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/isabel-sole-leituraexige-motivacao-objetivos-claros-estrategias-525401.shtml>

TOTIS, V. P. **Língua Inglesa: leitura.** São Paulo: Cortez, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** 3ed. São Paulo : Martins Fontes, 1993.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 11ed. Porto. 1985

\_\_\_\_\_. "As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto." In: ZILBERMANN, R. & SILVA, E. **Leitura e Perspectiva Interdisciplinates.** São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Português. Uma proposta para o letramento.** São Paulo: Moderna, 2002